



Crescimento e Desenvolvimento

Algumas pessoas confundem *crescimento* com *desenvolvimento*. Esquecem, com frequência e muito facilmente, um caso familiar às vezes frequente: os pais dizem ao médico, quando lhe apresentam o filho, que este, o filho, *crece mas não se desenvolve*.

Quem percorre o Minho, — estamos no Alto Minho — vê muitas casas novas ou reparadas nas aldeias e nas vilas; um crescimento, por vezes enorme, de casas. Isto passa-se em todos os concelhos do Alto Minho.

As casas são, no geral, obra dos emigrantes, os quais preferiram começar por melhorar as suas condições nos locais de nascimento.

As casas nas vilas são de muitos emigrantes ou familiares dos mesmos que optaram pelas vilas e aí construíram as suas casas para viverem, ou por razões financeiras, alugá-las ou vendê-las.

Na vizinha Galiza, passou-se o mesmo, e, há anos, lemos numa revista da Galiza que na cidade de Orense havia, então, umas 400 casas construídas para alugar.

Os edifícios da Vila que mais se evidenciaram, — Câmaras, Edifícios dos Bombeiros, Lares da Santa Casa da Misericórdia, Quartéis da Polícia ou da Guarda Republicana, Tribunais, Piscinas — são obras que o Estado ou construiu ou participou.

E verificou-se o *crescimento* nas aldeias e nas vilas.

E houve *desenvolvimento*? Só há desenvolvimento quando surgem actividades económicas produtivas, e como tais empregam pessoal e aproveitam o que há localmente vantajoso para o comércio, que virá a efectuar-se com a comercialização e industrialização.

Ora, entre nós, o *desemprego aumenta*, a *pobreza existe*, as *aldeias tornam-se desérticas* e *na emigração nem as construções oficiais resolvem o problema*.

As Câmaras, com certos políticos, fazem-se delas um *viveiro* de empregados, que superlotam o funcionalismo, pelo que não produzem riqueza e tiram-na do investimento válido e produtivo para a algebeira do funcionário, que consome o que é do cidadão, pois é este que paga as ambições políticas dos responsáveis. Transformam as repartições em ninhos de vivência pessoal e de família política.

O crescimento não é desenvolvimento. Este resulta do investimento produtivo. Entre nós o investimento produtivo não existe. O primeiro facto registado foi a Adega Quintas de Melgaço porque buscou produzir e comercializar um produto regional — o vinho — dando possibilidades reais a que os pequenos lavradores, que são a maioria do nosso meio, tivessem venda garantida e compensatória da produção. O produto é da própria terra e quem o produz é o propri-

etário, sendo a Adega o meio mais acessível à comercialização.

Não confundamos crescimento com desenvolvimento:

— O avaro e o usurário *aumentam* a fortuna pessoal, mas não produzem coisa alguma;

— O emigrante *melhorou* a casa, ou construí-a, mas não investe;

— O capitalismo selvagem recolhe somas avultadas de dinheiro, mas os trabalhadores morrem de fome, ou no desemprego;

— Na África e na América Latina, os ricos, sobretudo os governantes, vivem em palácios, mas os cidadãos morrem de fome.

O nosso colega de Monção «Terra Minhota», trouxe, há tempos, este comentário objectivo e oportuno:

«**Diz-se** que o índice do desenvolvimento material dum cidade é o volume de construção. Contudo, antes de mais, será conveniente que pensemos no bom e no mau que tem o ritmo construtivo das nossas cidades, e até **que ponto é o expoente de um desenvolvimento** harmónico e proporcional da cidade ou corresponde a crescimento irregular, de consequências imprevisíveis.

A cidade não será tanto melhor quanto maior seja o número dos seus habitantes, **mas sim** quando tenha a população que deve ter e se encontre estruturada em função da sua **situação geográfica**, com toda a variedade de facetas: económicas, culturais, psicológicas, políticas, climáticas, topográficas, ambientais, etc.»

Que se tem feito em Melgaço para alterar essa visão errada que confunde crescimento com desenvolvimento?

O nosso colaborador, Dr. Joaquim Rocha, melgacense, em belos escritos seus em «A Voz de Melgaço», dá a resposta:

— «Têm-se vivido até agora quase exclusivamente de pensões e de remessas de emigrantes»;

— «A agricultura, com excepção da vinha, deixou de existir»;

— «Presunto, quer de Fiães quer de Castro Laboreiro, também é raro aparecer, embora, ultimamente, tenha surgido uma ou outra pessoa interessada em voltar a dar-lhe o lugar que outrora teve»; e

— «O Turismo, galinha dos ovos de ouro, está por promover.

Até agora, nunca vi em Lisboa, um cartaz, seja o que for, que fale em Melgaço e das suas admiráveis belezas».

O Papa Paulo VI disse: «**O desenvolvimento é o novo nome da paz**». Quer dizer que não há paz sem desenvolvimento. E o crescimento não é desenvolvimento sem progresso real.

Mas os políticos gostam de iludir os munícipes reclamando construções suntuosas como elementos, embora falsos, de desenvolvimento.

Júlio Vaz

A Inspeção à Câmara Municipal III

Não obstante discordarmos da forma como decorreu a inspecção à Câmara Municipal, vamos apresentar aos nossos leitores — estamos em Democracia — alguns factos registados no Relatório.

Hoje referimo-nos às dívidas da Câmara e ao processo usado nas suas relações com a informação ao público e aos Vereadores.

Antes, queremos chamar a atenção do leitor para uma realidade essencialmente democrática no que respeita às dívidas da Câmara.

A Câmara tem obrigação de prestar, aos munícipes, informações claras e objectivas das suas contas. Por que razão?

Porque quem contrai as dívidas é a Câmara e *quem paga* as mesmas dívidas somos *todos nós, os munícipes*.

Concretamente, o Relatório da Inspeção refere endividamentos em «Encargos assumidos e não pagos»: O Presidente da Câmara informou a Inspeção de que «essas relações de encargos assumidos e não pagos são entregues aos Vereadores *sem o nome dos respectivos credores*, tendo em consideração o interesse da própria instituição e de terceiros».

Qual o interesse da própria Instituição? Não se saber a quem deve? É certamente o caso dos restaurantes, a que o nosso jornal já se referiu, e outros, com certeza.

Qual a decisão da Inspeção? Esta é bem clara e singela!!

«Este procedimento não é *correcto*, na medida em que *os Vereadores devem ter acesso a toda a informação financeira constante dos*

documentos do Município e não a uma mera informação verbal (informação verbal que os Vereadores do P.S.D. negam ter existido), sendo certo que o modelo 14 TC — relação dos encargos assumidos e não pagos — legalmente preenchido com os nomes dos credores é de junção *obrigatória* à conta de gerência, e remetido com ela ao Tribunal de Contas».

Pelo visto o Presidente da Câmara não queria que se soubesse a quem devia...

Outro caso de «Encargos assumidos e não pagos»:

Lê-se no Relatório: «... A Câmara Municipal de Melgaço *indeferiu* o requerimento, anteriormente apresentado pelos Vereadores, Sr(s) Manuel Luís Vergara Vaz e Alberto Esteves, no qual solicitavam que lhes fosse entregue um balancete que descrevesse a situação financeira do Município de Melgaço, *nomeadamente o montante das dívidas a todos os empreiteiros e fornecedores*».

Qual a atitude da Inspeção sobre este caso? Ei-la: «As dívidas do Município a terceiros constam da «relação dos encargos assumidos e não pagos durante a gerência», documento anexo obrigatório à conta de Gerência de 1993, pelo que a CMM (Câmara Municipal de Melgaço) recusou *ilegalmente* aquela informação, *limitando* o exercício das funções por parte dos dois Vereadores».

Sujeito à Inspeção Geral de Finanças, o Relatório da Inspeção, o Sub-Inspector Geral, João F.

Gonçalves Pinto, em referência a «Encargos assumidos e não pagos», pronuncia-se desta maneira: «A IGF (Inspeção Geral de Finanças) sustentou no relatório que, na relação mod. 14 TC deve constar o nome do credor *contrariamente ao defendido pela maioria do actual Executivo* da CMM (Câmara Municipal de Melgaço) que opinou negativamente, dizendo que ... «*a defesa do Município e de terceiros que com ele se relacionam, não pode andar na praça pública*».

Salvo o devido respeito, diz o Sub-Inspector Geral, *não concordamos* com a explicação exarada pelo Município de Melgaço pelos motivos que seguem:

— «O Executivo não será responsável pelo uso que outrem, eleito ou não, possa fazer de documentos obrigatoriamente elaborados pela autarquia para dar resposta ao T. de Contas. De resto, a difusão pública da dívida do Município pode depender menos dos membros do Executivo e mais dos seus credores».

E acrescenta: «Supomos nós que, *mais importante para o Município do que esconder a quem deve, deveria ser a preocupação de pagar o que deve*, atentos os reflexos financeiros e/ou sociais que pode gerar nos seus credores, tratando-se, como se trata, de uma entidade com inegável peso económico na região».

Concluindo, Rui Solheiro não se preocupava com as dívidas, porque quem as paga são os munícipes, preocupava-se, sim, com que se não soubesse a quem devia...

Júlio Vaz

D. Armindo Lopes Coelho

Foi nomeado Bispo do Porto, Sua Ex^a Reverendíssima, o Senhor D. Armindo Lopes Coelho, até há pouco Bispo da Diocese de Viana do Castelo.

Sua Ex^a Reverendíssima deixa obra notável no plano pastoral, cultural e apostólico.

O Seminário Diocesano foi obra carinhosa sua.

Jamais se olvidarão as suas visitas pastorais e as suas visitas frequentes aos sacerdotes doentes.

As suas visitas pastorais ficam registadas, mais do que em ar-

quívos, nos corações dos fieis, que as assinalam com profundo respeito e gratidão.

Era o Pastor que não se poupava a sacrifícios e, muita vez, nem poupava a saúde, só para servir as almas.

Desejamos ao Senhor D. Armindo feliz apostolado na Diocese do Porto, onde nasceu, onde se formou, e que serviu já como Bispo Auxiliar.



Da Vila e Concelho

Nova Doutora

Com alta classificação, terminou o Curso de Comunicação Social na Universidade do Minho, da cidade de Braga, a nossa conterrânea, Dr^a Natália de Melo Dias, filha do Sr. Henrique Dias e da Sr^a D. Maria Gonçalves de Melo.

À nova Dr^a desejamos as maiores felicidades na carreira por que optou, e a seus pais e avós, os nossos parabéns.

Parabéns a Você

No passado dia 14 de Junho, completou o seu 77º aniversário natalício, o nosso conterrâneo, estimado assinante e colaborador, Sr. Mário Secundino Cerdeira.

Por tal motivo, felicitamos o nosso amigo Mário, com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

Viagem ao Funchal

Em visita à sua filha Dr^a Eduarda do Sameiro Gomes Pereira, Professora do Ensino Secundário no Funchal, deslocou-se àquela localidade, seu pai, Sr. Alfredo Nabeiro Pereira, onde esteve durante alguns dias, tendo já regressado à nossa terra. Os nossos cumprimentos.

Alberto António Machado Rodrigues

Acompanhado de sua esposa, Sr^a D. Catarina Rodrigues, esteve entre nós, de visita a seus familiares, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Alberto António Machado Rodrigues, residente em Lisboa há muitos anos. Ao simpático casal, que teve a gentileza de pagar a sua assinatura dos anos até 2000, apresentamos os nossos cumprimentos.

Festa de Aniversário

No restaurante «Adega Regional» (Sabino), desta vila, realizou-se a festa do aniversário natalício do jovem Rafael Armando de Castro, filho do nosso

conterrâneo e estimado assinante, Sr. Manuel Augusto de Castro e da Sr^a D. Odete Amorim de Castro, proprietários do estabelecimento acima referido.

Por tal motivo, felicitamos o Rafael Armando, com os nossos parabéns e desejos de longa vida.

Aniversários

Festejou o seu aniversário natalício, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Eng^o José Douteiro Alves (Empresário), residente em Jardim Paulista, Estado de São Paulo — Brasil.

Também fez anos, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Alfredo Aristeu Afonso, proprietário da monumental e luxuosa Sala de Festas (Discoteca) «PEGASO» e do Restaurante «MIRADOIRO» da nossa terra.

Em sua casa foi oferecido um lauto almoço a inúmeros convidados e familiares.

No passado dia 15 de Junho, festejou o seu 85º aniversário natalício o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Pe. Justino Domingues, ex-pároco desta vila, capelão da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço.

Também fez anos o nosso amigo, Sr. Jorge Rebelo, Digm^o Ajudante do Cartório Notarial de Melgaço.

Esteve em festa o Lar do nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Hilário Campos da Rocha, pela passagem dos aniversários natalícios de sua esposa, D. Isaura Campos da Rocha, e de seu filho, Vitor Campos da Rocha.

A todos os nossos parabéns, com desejos de longa vida.

NECROLOGIA

D. Rosa Celeste Fernandes

No Hospital de Santa Luzia, de Viana do

Castelo, onde se encontrava internada, faleceu a nossa conterrânea, Sr^a D. Rosa Celeste Fernandes, de 86 anos de idade, natural desta vila, viúva do saudoso Sr. Geraldino Fernandes (Marinheiro).

A extinta era pessoa de respeitabilidade e muito estimada no nosso meio.

O seu corpo foi trasladado para esta localidade, onde se realizou o funeral com grande acompanhamento, seguido de missa de corpo presente, na Igreja Matriz, a que presidiu o Rev^o Dr. Manuel Augusto Alves, pároco desta vila.

Aos seus familiares apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

De Fiães

Necrologia D. Rosa da Conceição Dantas

Na sua residência no lugar de Portocarreiro, desta freguesia, faleceu a nossa conterrânea, Sr^a D. Rosa da Conceição Dantas, de 82 anos, viúva do saudoso Sr. Manuel Fernandes.

A extinta, pessoa muito estimada no nosso meio, era mãe das Sr^{as}. D. Maria Dantas Fernandes, D. Isaura de Lurdes Fernandes, D. Ilda Fernandes, D. Aida Fernandes, do Sr. Manuel José Dantas

Fernandes (Empreiteiro), sogra dos Srs. Anastácio da Silva, Francisco Pereira e Alain Fernandes.

O seu funeral realizou-se com grande acompanhamento, seguido de missa de corpo presente a que presidiu o Rev^o Pe. Manuel Batista Pombal, pároco desta localidade.



A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

SOCIEDADE

No próximo dia 6 de Julho faz anos o nosso prezado assinante, Fernando Lourenço de Castro, 1º Sargento do Exército, na Escola Prática de Transmissões, na cidade do Porto. Os nossos parabéns.

De Paderne

A festa em honra de Santo António e do Sagrado Coração de Jesus

Realizou-se no dia 15 de Junho a festa em honra de Santo António e do Coração de Jesus, nesta freguesia.

Esta festividade teve início no sábado, dia 14, pelas 21h.30 horas, com Sermão, Procissão de Velas e Terço cantado.

No domingo, dia 15, os actos religiosos começaram à 16 horas com Missa Solene e Sermão, que esteve a cargo do Rev^o Pe. Agostinho Caldas, Pároco da freguesia de Pias, concelho de Monção.

Os cânticos da Santa Missa estiveram a cargo do «Grupo Coral» desta freguesia, que mais uma vez actuou com muito brilho.

No final da Santa Missa, organizou-se uma grandiosa e tradicional procissão, com muitos andores e estandartes, que percorreu o itinerário do costume, tomando parte o «Agrupamento Musical», da Escola de Música, Dó, Ré, Mi, de Riba de Mouro — Monção.

Às 22 horas começou o concerto da noite até às 00 h.

Boa música e bons executantes.

Foi uma noite de Santo António. Um espectáculo bonito com características dos Santos Populares.

A todos quantos trabalharam para levar a efeito a tradicional Festa de Santo António e do Sagrado Coração de Jesus, uma palavra de apreço e de louvor.

Santo António gosta de ser recordado numa forma popular, porque ele é um dos Santos Populares. C

Festas do Pimento em Arnoia — Espanha

Nos próximos dias 1, 2 e 3 de Agosto, realizam-se, a nível dos anos anteriores, as tradicionais e já muito conhecidas «FESTAS DO PIMENTO» em Arnoia — Espanha, especialidade típica daquela região galega, situada à margem direita do Rio Minho e a curta distância de Melgaço. «As Festas do Pimento» têm sido ao longo dos anos bastante participadas por alguns milhares de pessoas e a sua realização tem servido para que os povos das duas regiões estreitem as suas relações de amizade.

Os festejos, que privilegiam iniciativas de carácter cultural, contarão com a presença das autoridades da Província de Orense, assim como do seu dinâmico Presidente do Município, D. Rogélio Martinez Gonzalez, que também é Presidente da Deputação de Orense, impulsor de grandes melhoramentos daquela terra, bem como todo o seu corpo directivo da «COOPERATIVA S. SALVADOR» (Comissão Organizadora), tal como tem acontecido nos anos anteriores a convite dos organizadores.

O Folclore e a Música Popular da Galiza, incluídos no programa dos festejos com o objectivo de proporcionar um intercâmbio cultural entre as populações ribeirinhas, apresentam os vinhos e os Pimentos, admirados pelos «nuestros hermanos» (e também pelos visitantes que naqueles dias se deslocam àquela terra) e não deixam de constituir, apesar de muitas manifestações e outras diversões programadas, o grande motivo das festas de Arnoia.

Como sempre tem acontecido, visando uma demonstração das potencialidades (continua na pág. 3)

Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:

D.^{ra} Júlia Eduarda Dias Ferreira

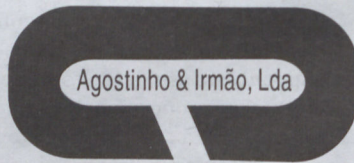
EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

Manuel Luis Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:
Rabosa - Penso • Tel. 416066
4960 MELGAÇO



Agostinho & Irmão, Lda

Construção e venda de apartamentos, terrenos e lojas

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 - 1º - Sala 5
Telef. 612287

4700 BRAGA

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães
MELGAÇO

Electrotécnica

António Solha & Irmão

~ Rádio
~ Instalações Eléctricas
~ Televisão
~ Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telef. 42294
4960 MELGAÇO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
nº 105 - Tel. 214284
4710 BRAGA

Composição e Impressão
em Offset:

Litografia A.C.

R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 - Fax 612008
4700 BRAGA

Assinatura anual:
2.500\$00

Compre agora e pague em 12 meses

em

Móveis Castelo

de:

Ramiro de Lima A. Cerqueira

Rua das Escolas
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO

Exposição: Rua da Calçada



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

constrói - aluga - compra
vende casas e apartamentos
qualidade, bom preço

Escrit. - Rua do Fajal nº 20 - R/c - Telef. 73337
Resid. - Rua do Pinheiro, 113 - Nogueira - Telef. 683103 - BRAGA

(continuação da pág. 2)

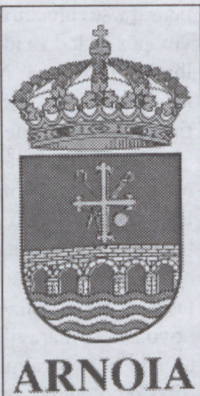
da gastronomia daquela região galega, as autoridades convidadas terão oportunidade de apreciar os principais pratos ali confeccionados, estando assim previsto, para o último dia dos festejos, um almoço a que presidirá o ilustre Presidente do Município, D. Rogélio Martínez Gonzalez.

Arnoia é também um dos mais lindos pontos turísticos da Galiza e uma região demarcada, nomeadamente pelos seus excelentes e capitosos vinhos regionais, bem assim como dos seus pratos típicos da «Gastronomia Galega».

«Os Pimentos de Arnoia» gozam sempre de uma merecida fama pelo seu sabor e aroma, devido à mistura de diversas variedades e ao cuidado especial com que os vizinhos de Arnoia os tratam, utilizando sempre processos manuais, desde a preparação do terreno bem alimentado com matéria orgânica, com a ausência de tratamentos, até à sua produção ao ar livre.

Os Pimentos que se põem à venda, procedem da «COOPERATIVA S. SALVADOR», que reúne os seus produtores, que garantem a sua qualidade de origem.

Alfredo do Paço



ARNOIA

Pároco de Rouças

No próximo dia 13 deste mês de Julho, o Pe. António Esteves vai ser homenageado pelos seus paroquianos, na passagem do 25º aniversário como pároco de Rouças.

A homenagem consta de uma missa de acção de graças e de um almoço.

Pesetas falsas

A Guarda Nacional Republicana de Melgaço prendeu um grupo que negociava em pesetas falsas.

O grupo era constituído por dois homens e duas mulheres: aqueles eram ambos de Monção, das mulheres, uma é de Âncora, e outra de Valença.

Este grupo foi apanhado com 150 mil pesetas.

AGRADECIMENTOS

Justino Lourenço

A família de Justino Lourenço, que foi do lugar da Verdade, freguesia de Rouças, na impossibilidade de o fazer pessoalmente agradece penhoradamente a todos que se dignaram acompanhá-lo até à sua última morada.

A Família

Virgínia Goçaves Carpinteira – S. Paio

Seus filhos, genros, noras, netos e demais família enlutada, vem por este único meio agradecer penhoradamente a toda as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, testemunhando a todos o seu eterno reconhecimento.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Rosa Celeste Fernandes Vila – Melgaço

A família de Rosa Celeste Fernandes, falecida em 11 de Junho findo, vêm por este único meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Vilarinho Loja Nova – Melgaço

Ortelinda Duque Virtelo – Couso

A família de Ortelinda Duque, falecida em 13/6/1997, no lugar de Virtelo, da freguesia de Couso, vêm por este único meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Vilarinho Loja Nova – Melgaço

Glória Martins Orjás – Cubalhão

A família de Glória Martins, falecida em 18 de Junho último, na impossibilidade de poder agradecer particularmente a todas as pessoas que a confortaram na sua dor e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto, vêm facê-lo por este único meio, testemunhando a todos o seu eterno reconhecimento.

Agência Funerária Vilarinho Loja Nova – Melgaço

Rosa Reguengo – Penso

A família de Rosa Reguengo, vem por este único meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Mira

Maria Alice Meleiro – São Paio

Sua família, vem por este único meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Mira

Gumersinda Garcia Fernandes Cruz – Penso

A família de Gumersinda Garcia Fernandes Cruz, vem por este único meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Mira

VIDA ELEGANTE Fazem anos:

No dia 1 de Julho, a menina Susana Catarina Pereira Esteves; no dia 2, os Srs. João Hilário Gonçalves, Ilídio Alberto de

Sousa e Manuel Mário Afonso; no dia 4, a Sra. D. Delfina Domingues e os Srs. Germano Henrique Alves Carabel e Ladislau Pinheiro; no dia 5, as Sras. D. Angélique Mercedes Gomes, D. Maria Armada Esteves Barreiros, os Srs. Júlio Regueira Morais e Júlio de Sousa Morais; no dia 6 os Srs. Domingos da Rocha e João Paulo Lavandeira; no dia 7, os Srs. António Fernandes e Manuel Alves Codesseira; no dia 9, a Sra. D. Maria Luisa Afonso Esteves; no dia 10, a Sra. D. Constança Esteves Fernandes e o Sr. Carlos Vasques; no dia 11, as Sras. D. Cândida Laurinda Alves, D. Maria Fernanda Nabeiro Cardoso e o Sr. José Bento Alves; no dia 13, o Sr. Rui Cachada; no dia 14, o Sr. Henrique Manuel Rodrigues; no dia 15, a Sra. D. Georgina Dantas da Costa Afonso, os Srs. José Manuel Ferreira dos Santos Pardal, Richard José António Regueira Morais e António Alberto Pires; no dia 16, o Sr. Manuel José Esteves; no dia 17, a Sra. D. Elvira da Conceição Ferreira e os Srs. Ventura Duarte Igrejas e Indalécio Oliveira da Silva; no dia 18, a Sra. D. Duartina Marinha Esteves Pereira; no dia 19, a Sra. D. Maria de Jesus Salgado Fernandes, no dia 21, as Sras. D. Maria Madalena Nabeiro, D. Julieta da Conceição Quintela Alves, os Srs. António da Rocha e Patrick Pereira de Freitas; no dia 22, as Sras. D. Maria Madalena da Silva Ribeiro e D. Amábelia Rodrigues Gomes; no dia 23, o Sr. António Jorge Ferreira Gomes; no dia 25, as Sras. D. Maria José Ferreira dos Santos Pardal, D. Maria de Lurdes Lourenço, D. Maria Manuel Melo Igrejas e o Sr. Abílio de Jesus Afonso; no dia 29, a Sra. D. Maria da Luz Vilas, no dia 30, as Sras. D. Judite Elisete Dantas da Costa Afonso, D. Maria Fernanda Afonso, os Srs. Virgílio Augusto Gomes de Sousa e Abel Alves, no dia 31, a Sra. D. Maria de Lurdes Ferreira do Paço.

Serralharia Artística C O D Y
Portas • Caixilhos Marquises
(Tudo em Alumínio anodizado)
de: Carlos Alberto Codesso
Granjão – Paderne – Telef. 42244 4960 MELGAÇO

am CONSTRUÇÕES Adelino Medela e Filhos, Lda.
«Orgulhamo-nos do que construímos»
CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO
Visite-nos na: Rua Dr. Justino Cruz, nº 154 - 1º Andar - Sala 9
Telefone (053) 618525 4710 BRAGA

DAÑIEL VIDAL
• Tacos • Parquêt's • Lamparquêt's •
• Soalho • Forro • Vistas • Rodapés •
• Cortiças •
Fornecimento e Colocação
Agente das Tintas Garpintex
Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO

Casa Rodrigues
De: Isaías Rodrigues
Aparelhagens Sonoras – Arcos e Andores – Instalações eléctricas em ornamentações e habitações – em Capelas e Igrejas.
Tel. 414008 Cristóval – 4960 MELGAÇO

António Medela, Lda.
COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA
Carvalho do Lobo – Roussas • Tel. 45316 (fim de semana) 4960 MELGAÇO
Residência: Tel. 44130

JUSTINO ALVES & ALVES, LDA
EMPREITEIRO
- Construção de Moradias e Prédios.
- Venda de Apartamentos.
- Todo o trabalho de construção civil.
Sede: Sº do Alívio – Gave • Tel. 47143/47415 4960 MELGAÇO

JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & Cª, LDA
Construções de Prédios para Venda Alta Qualidade a Preços Compatíveis
EM BRAGA:
Escritório AVENIDA CENTRAL, Nº 54 – 1º
Telefones 217256/214185 Fax 217256

Dra. Maria Cândida Fonseca
ADVOGADA
ESCRITÓRIOS:
MELGAÇO: Largo Hermenegildo Solheiro • Telefone e Fax 44420
PORTO: R. do Cidral de Baixo, 6 - 1º • Telefone 317200

COMPANHIA DE SEGUROS **F** FIDELIDADE S.A.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
Mediador: Anselmo Manuel Malheiro
Rua Rio do Porto, R/c • Vila • 4960 MELGAÇO
Escrit. Tel. 44031 – Fax 44031 • Resid. Tel. 42525

Bento Gomes
TINTAS ELECTRODOMÉSTICOS
Rua Dr. Afonso Costa
Tel. 42113 – 4960 MELGAÇO

Figuras do passado

«Ana home»

Para muitos melgacenses esta «he-roína» nada lhes diz, pois o tempo, que tudo pode, conseguiu apagar da memória colectiva esta figura que há uns anos atrás era popularíssima, mais conhecida do que o administrador do concelho!

De seu nome verdadeiro Ana Fernandes, nasceu em Melgaço em 1876 e faleceu na freguesia de Cristóval no ano de 1947, a 5 de Abril. Apesar de algumas pessoas dizerem que era hermafrodita, isso não deve corresponder à realidade, pois, apesar de não ter casado, foi mãe de dois filhos: António Maria e José.

Mas que interesse nos pode suscitar, para agora estarmos a falar dela? Em primeiro lugar, a sua audácia, a sua temeridade.

Conta-se que certa vez, um carabineiro de má catadura, que aos pequenos contrabandistas perseguia, como o cão persegue a lebre e a pulga o cão, andou a gabar-se de que se apanhasse a «Ana Home» havia de lhe provar por A mais B que não a temia e que se havia de arrepender de passar contrabando sob as barbas da autoridade. Claro que logo correram a dizer à mulher o que tinham ouvido e além disso, para a espicaçar, acrescentaram alguns pontos que eram autênticas lâminas cravadas no peito da orgulhosa Ana.

Pacientemente, e seguindo os passos do fanfarrão, como hábil e tenaz espião da guerra fria, ao serviço de importante agência internacional, escolheu a ocasião propícia e zás! Na altura em que ele dormitava, encostado prazenteiramente a um secular pinheiro, espingarda erecta e inócua, ela aproxima-se lentamente e pega na arma, dedo no

gatilho, e aponta-lha à cabeça: - Acorda, ferrabrás, que não quero matar um patife quando ele está a dormir!

O carabineiro dá um salto e vê-se de repente numa situação deveras desesperada e caricata. Caramba! Como lhe pudera acontecer aquilo?! Tão cauteloso, tão temido por todos, até os próprios colegas o respeitavam! Agora estava ali, frente a uma mulher, a suar e a tremor como um vil cobarde.

- Ajoelha e pede perdão; e jura pela alma da tua mãe que jamais dirás as palermices que alardeaste por aí.

- Não me desgraces, mulher. Sabes que sou casado, tenho filhos e se os meus superiores souberem disto são bem capazes de me expulsar ou então transferem-me para longe, para a fronteira com a França!

- Então ajoelha, e diz: «nunca mais provoço a Ana Home».

- Está bem, peço-te perdão, mas promete que não dizes nada a ninguém do que aqui se passou.

- De acordo, mas toma lá uma coronhada para que aprendas a lição e também para que não te esqueças nunca mais de mim.

E, sem qualquer tipo de piedade ou comiseração, a Ana dá-lhe uma forte pancada no peito. O homem tombou no chão, a chorar como uma débil criança. Ela afastou-se com a carabina ao ombro e pediu a uma pessoa conhecida e amiga que a fosse entregar no posto.

Muitos outros homens, pseudo valentes, experimentaram a sua fúria e o seu sentido peculiar de justiça. Labutava no campo como qualquer cavador e carregava como hercúleo estivador. Quando alguém das suas relações era moles-

tado pelos guardas fiscais, ou pelos esbirros da administração e dos impostos, lá estava a «Ana Home» para os defender.

O Notícias de Melgaço n° 1, de 6 de Março de 1924, insere a notícia seguinte, assaz esclarecedora:

Diz-se

«Que a Ana «homem» no domingo último, numa entrudada que neste dia se fez em Cristóval, vestiu-se com traje masculino, caracterizando-se com pera e bigode. Que a certa altura do divertimento montou num cavalo como qualquer homem, fazendo algumas evoluções para afastar o povo, o qual a elogiou».

Como se vê, era uma mulher temperamental, cheia de energia e extrovertida! Gostava de dar nas vistas, que falassem dela, que a elegessem líder do populacho!

Um dos filhos, o António Maria, mais conhecido por Olharapo, que de acordo com o dicionário quer dizer - fantasma; lobisomem; papão; indivíduo metedido, intrometido, atrevido - ainda cheguei a conhecer, pois pereceu na Vila, na hoje Viela Pedro Pires, numa casinha modesta, a 27 de Março de 1951. Vivia maritalmente com Jesufina Gregório - a «Fina» - (quem não se lembra dela? fazia limpeza no Cine-Pelicano e trabalhava à jorna nos campos da Fonte da Vila e nos do Sr. Hilário Gonçalves, proprietário do referido cinema), senhora que morreu no Hospital da Misericórdia nos anos setenta, salvo erro. Julgo que tiveram um filho, mas faleceu ainda bebé.

O outro filho da nossa virago parece que ingressou na GNR, chegando ao posto de cabo.

Se eu fosse um saudosista, diria: mulheres destas já não há! É verdade, mas também não são precisas, pois nada nos garante que não fosse um de nós a levar uma surra mestra da irrequieta leoa! Faço ideia, agora, no purgatório, as tareias que ela vai dando às indefesas almas que aí aguardam o juízo final!

Joaquim Rocha

O P. Carlos visto pelo seu espólio epistolar

XIVL

Sempre o mesmo: boas enfermeiras para o Hospital de Melgaço

— «Lá vem o chato!». Dirá um que outro leitor à moda do tradicional feito da nossa gente, desde o tempo das «Cantigas de Maldizer», dos primeiros tempos da nossa nacionalidade.

— «Que interessa isto?», acrescentará.

Interessa sobretudo para mostrar como o P. Carlos tinha a verdadeira noção do que deveria ser uma enfermeira para atender um doente, irmão do Senhor Jesus, como se ele fosse o próprio Senhor Jesus, e ainda porque, segundo a formação e maneira de ser do P. Carlos, as dificuldades existiam apenas para ser vencidas.

O «Não» não existe, ou melhor: existe apenas para o esfarelar, o afastar do caminho.

A carta que a seguir publicamos, é do P. Frei António do Rosário, da Ordem Dominicana, membro da Academia Portuguesa de História.

Diz-lhe que a enfermeira em que ele

pensara, se colocou em Lisboa e, mal lá se viu, pôs de lado a ideia de voltar a trabalhar na província. No entanto, se ainda não conseguiu pessoal, que lhe escreva a fim de ele ver o que se pode fazer.

Chamo a atenção do leitor para outra nota: a maneira como Frei António do Rosário se refere à nossa terra: «Como tem passado aí nesse condado, onde agora se aproxima a época das colheitas?» e, mais abaixo: «Quanto à ida de novo a essa maravilhosa terra creio que terá de ficar para mais adiante».

Como outros, estou a lembrar-me de franceses, por ex. que tiveram a sorte de conhecer as belezas surpreendentes da nossa terra, e não escondem o impacto que aqui tiveram ao alongar o olhar deslumbrado e atento por este Paraíso único no mundo!...

Quando teremos um turismo consciente, activo, para quem a dificuldade apenas existe para ser feita em pó?

Eis a carta.

Beijos Senhora
António do Rosário

Como tem passado aí, nesse condado onde agora se aproxima a época das colheitas?
Eu tenho andado por largo e com afaxeres aborrentes. Mas não me esqueci daquela enfermeira que seria boa para Melgaço. Proposei-a em Lisboa, na Santa Maria, segundo me informou aqui no Porto. Mas a detentei, porque eu queria receber uma negativa. Bem se instala na Capital e se habitua àquela vida larga, em salas e centros pequenos, dificilmente se resigna à ideia de viver em meios pequenos. Não se excepção quando se sente deslocada. Seria o caso? Não creio. Mas se não diga-me se já está servido. Não estando, eu prosseguirei à procura. E quanto à ida de novo, a essa maravilhosa terra? Creio que terá de ficar para mais adiante.
Beijos o meu reconhecimento
Porto 14.9.67 Frei António do Rosário O.P.

VENDE-SE - LOJA

CENTRO DA VILA

Junto à Caixa de Crédito Agrícola C/cave. Área total aprox. 200 m²

Telefone 051-43019

PASSA-SE Café Avenida

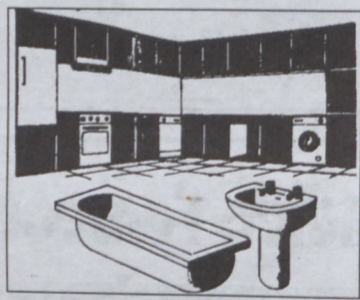
Avenida das Tílias - Melgaço

Telefone 42041

VENDE-SE

Restaurante
«O Minhoto»
Melgaço
Contactar pelo
Tel. 44878
ou no local

António Alberto Pinto de Oliveira



COMÉRCIO DE AJULEJOS,
MOSAICOS,
LOUÇAS SANITÁRIAS,
BANHEIRAS,
TORNEIRAS, ETC.

LOJA: Rua Joaquim Pires Jorge, Lote 143
Casal Machados - Catujal - 2685 SACAVÉM
Tel. e Fax: 9412664 • Telemóvel: 0936-451921
ARMAZ.: Casal Machados - Catujal
2685 SACAVÉM

Agência Funerária Orquidea

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transladações para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente
Contacte-nos pelos telefones:
Diurno: em Melgaço = 43048
Noctuno: em Alvaredo = 416037

REPRESENTANTE AUTORIZADO DA FIRMA

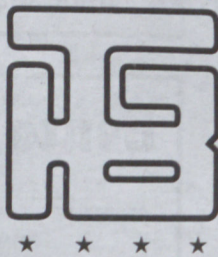


Campas em Granito e Bronzes

Arte Funerária

Largo Hermenegildo Solheiro

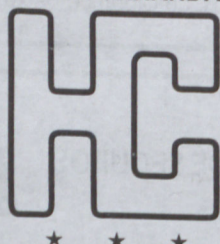
HOTEL TURISMO



★ ★ ★ ★

Praceta João XXI - 4710 Braga
Tel. (053) 612200 - Fax (053) 612211

HOTEL CARANDÁ



★ ★ ★

Avenida da Liberdade, 96 - 4710 Braga
Tel. (053) 614500 - Fax (053) 614550

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luis Domingues

Cortinados • Varões • Sanefas

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

Artigo de Ricardo Gonçalves

Quem foi afinal Inês Negra?

Na sequência de umas declarações, sobre a Inês Negra, que prestei no verão passado durante a Festa da Cultura a uma televisão Brasileira, surgiram no Vosso Jornal dois artigos contraditórios ente si, o primeiro a abordar o assunto foi o vosso correspondente no Rio de Janeiro, Sr. Manuel Igrejas, que depois de ver as minhas declarações na íntegra se referiu a elas de uma forma civilizada, democrática e construtiva, defendendo inclusive que seriam importantes, como todas as outras que fossem surgindo, para serem discutidas num futuro Congresso sobre a personagem da Inês Negra.

A outra referência às minhas declarações foi da autoria de um Senhor, cujo pseudónimo é «Zé do Rio Trancoso» que residente em S. Paulo, que apesar de não ter visto o referido programa televisivo, só por aquilo que lhe contaram escreveu um artigo violento, desinformador e insultuoso contra a minha pessoa.

Nesse artigo o dito Senhor chega a perguntar se eu serei de Melgaço, para sua informação sou da Freguesia de Paderne, Concelho de Melgaço, da família dos Gonçalves, também conhecidos por «Paneiros» e casado com uma senhora de Melgaço.

Quanto a gostar de Melgaço, é coisa que se não põe em dúvida, pois apesar de viver em Braga, vou constantemente à nossa Terra e, inclusive pertencço à Direcção da Casa de Melgaço em Braga, que deve ser a única Casa do nosso Concelho existente em todo o Mundo.

Quanto ao facto de dizer que eu devia estar bêbado com alvarinho, é pura mentira, pois, há vários anos, que por motivos pessoais, não bebo bebidas alcoólicas, infelizmente para o vinho alvarinho que bem precisa de quem o beba e, para mim que bem gostaria de o beber.

Abordando agora as outras vertentes do Vosso artigo, é demasiado duro e injusto, sem ter razões nem fundamentos para tal, como vou provar ao longo do meu artigo. É inclusive lamentável, que o Senhor utilize um Jornal com mais de meio século de existência, e todos nós sabemos o que custa fazer um Jornal concelhio, que eu leio sempre com a maior atenção, apesar de muitas das vezes não estar de acordo com os seus editoriais, para atacar tudo e todos sem ter argumentos, nem razão para tal.

Digo isto porque me estou a recordar de um outro artigo, que o Senhor escreveu antes deste, em que ataca, bota-abaixo, diz mal, critica as obras feitas ultimamente em Melgaço, isto deixe que lhe diga, não é próprio de quem diz gostar assim tanto de Melgaço, pois não é assim que se ajuda a nossa terra, com posições radicais e indialgantes como a sua, devemos todos colaborar cada um com as suas ideias e possibilidades, mas procurando sempre encontrar pontes de ligação e objectivos comuns fazendo sempre mais e melhor pelo nosso Concelho.

Até porque ao dizer mal do desenvolvimento de Melgaço, depois do 25 de Abril de 1974 principalmente nos últimos anos, está a dizer mal de Melgaço

na plenitude, pois fizeram-se mais obras em Melgaço nestes últimos tempos, do que talvez em toda a história da nossa Terra. Afinal o que elogia o Senhor em Melgaço, dizendo mal do que se fez nos últimos tempos se anteriormente não existia quase nada feito, inclusive existiam freguesias inteiras sem acessos, grande parte do concelho a começar pela minha freguesia não beneficiava de luz eléctrica, na Vila de Melgaço de edifícios públicos só existiam a Câmara e a cadeia, enfim uma desgraça.

Sinceramente, eu estou convencido que o Senhor «Zé do Rio Trancoso» até é boa pessoa, só que o salazarismo o fanatizou em criança, e hoje quando escreve alguma coisa não se consegue libertar dessa ideologia e dessa política de má memória, no fundo é uma vítima do salazarismo, teve que emigrar concerteza porque precisou, e, as alternativas que lhe davam na terra eram fracas. Enfim, o regime ditatorial a si pouco lhe devia ter dado, talvez só a carga política e ideológica que transparece nos seus artigos.

Mesmo assim, teve alguma sorte, pois para o Brasil estou convencido que não foi a pé, como tiveram de ir muitos dos nossos conterrâneos para França e outros países da Europa, já que o ditador Salazar nem emigrar deixava, como ele só os regimes comunistas do Leste da Europa, quando até o Franco da Espanha e o Tito da Jugoslávia deixavam emigrar.

A emigração é um tema que me apasiona, porque aí os heróis foram as pessoas anónimas, que fizeram esforços sobre-humanos para tentarem uma vida melhor, que na sua terra o progresso e a liberdade não eram permitidos, inclusive escrevi um livro sobre essa saga dos nossos emigrantes que se chama «Emigrantes Clandestinos, Carneiros em Transumância» que era o nome de Código que os «passadores» davam aos homens que iam a «salto», este livro escrevi-o enquanto era professor cooperante na República de Angola.

Todos os «clichés» políticos que o Senhor usa são próprios do antigo regime, que como sabe não respeitava os direitos do homem nem tinham

(continua na pág. 8)

Salazar

São bastantes os que, odiando Salazar, não conseguem matá-lo nem após a morte. De vez em quando lá vem um, não saudosista nem «fascista», lembrar o Homem que governou Portugal



por um período longo da nossa História.

O octogenário, Manuel da Encarnação Marques, barbeiro de Salazar nas décadas de 50 e 60, entrevistado para a Revista «Vida», disse, de acordo com o «Comércio do Porto», de 31 de Março, que Salazar foi quem passou para 20% os 80% de analfabetos herdados «do estado em que Afonso Costa deixou o país». Que «fez as Casas do Povo, as estradas alcatroadas, as baragens, as pontes, os hospitais feitos de origem e não em conventos, e criou as férias e as reformas para todos os trabalhadores». Que passaram «a ter oito e depois quinze dias de férias, e em vez de trabalharmos até à uma da manhã passámos a trabalhar até às sete da tarde, e a fechar aos sábados à uma da tarde». Em suma, o homem que «ia cortar o cabelo depois da missa» a Salazar, continua a ser um salazarista dos quatro costados. Talvez porque «uma vez, estava eu a retirar o chapéu do bengaleiro e caiu-me o chapéu, e ele apanhou-o».

O professor coimbrão, de Direito, Prof. Teixeira Ribeiro, disse a um amigo, conforme notícia João Coito em «O Diabo»: «Estou a ler os seus discursos que, escritos há mais de trinta ou quarenta anos, é como se fossem escritos para este

tempo». (O Prof. Teixeira Ribeiro foi vice-primeiro-ministro nos dias memoráveis de Vasco Gonçalves!...

Baptista Bastos, com muita presença na televisão, disse na mesma televisão, na entrevista feita a João Coito, que considerava «o Padre António Vieira e o Prof. Oliveira Salazar os dois maiores escritores políticos de todos os tempos».

Querem agora averiguar como entrou em Portugal o ouro nazi, colocando Portugal no banco dos réus.

Marques Vidal comenta em belíssimo artigo, publicado em «O Diabo», de 29 de Abril, o facto, e fá-lo com esta nobreza e objectividade:

«Neste panorama a aceitação de intromissões do Conselho Mundial Judaico nos negócios da nossa banca e a criação de uma comissão de fiscalização constituem uma verdadeira indignidade nacional.

É certo que se vive em período de transparências. Basta ir a uma passagem de modelos para ver que é assim, sem recato ou pudor. Está na moda mostrar tudo, até o rabo, como fazem os pícaros estudantes nas suas manifestações.

Mas em coisas do Estado soberano, senhores?!

A que propósito colocar-se o Estado português de cócoras perante interesses estrangeiros de legitimidade duvidosa, prestando-se a rebaixar-se e a dar explicações que não são devidas?

A que propósito o aplauso pacóvio de uns e o silêncio cúmplice de outros?

Adianta-se uma justificação: a possibilidade de dar mais uma facada nos ossos de Salazar.

Acontece, porém, não haver hoje divergências históricas, a nível nacional e internacional, sobre o facto de Salazar ter sido impecável na condução política do povo português, durante aquele período da guerra, eximindo o seu país aos sofrimentos da beligerância. Admiradores e adversários reconhecem esse mérito ao ditador».

VENDE-SE OU PASSA-SE

Café Restaurante «ZORRO» junto à Igreja Matriz de Melgaço, totalmente equipado e mobilado.

Telefone 051-44904

CENTRO COMERCIAL EUROPA

Na Cidade Nova em Valença com frente para o novo campo da feira e rodeado pelo Mercado Municipal, Centro Coordenador de transportes e outros serviços de utilidade pública.

O Centro Comercial Europa é um edifício digno desse nome, o seu interior é amplo e atractivo, tem jardins, quedas de água, chafariz, elevador panorâmico, corredores com 4 m de largo, quente no inverno e fresco no verão.

Lojas de todos os tamanhos; escritórios livres de onus ou encargos.

VENHA VISITÁ-LO, ESTÁ QUASE PRONTO

G&M GOMES & MALHEIRO, LDA.

Na Cidade Nova em Valença - Tel. 824530 - VALENÇA

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA.



Transportes ao Domicílio de Mercadorias para Portugal e Estrangeiro

IGREJAS - ROUÇAS • 4960 MELGAÇO
TELEF. PORTUGAL 051-44101 • TELEF. FRANÇA 46.64.28.32

MEDIAÇÃO DE SEGUROS

AMADEU PEREIRA E CARLOS PEREIRA

PORTUGAL PREVIDENTE • bonança • ALIANÇA U.A.P.
• GLOBAL • MAPFRE • FIDELIDADE

Consulte-nos Sempre! Com certeza ficará satisfeito.

Rua Fonte da Vila S/N - 4960 MELGAÇO Tel./Fax. 051-42903

CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila - 4960 MELGAÇO

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas: AEG/TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650 • 4960 MELGAÇO

ELABORAÇÃO DE PROJECTOS DE ENGENHARIA

A. Moura Lopes
ENGENHEIRO CIVIL

R. Dr. António Durães, 3º Dto.
Tel. 051-44206 • 4960 MELGAÇO

Santa Casa de Melgaço

XXI

Por esquecimento, D. Maria Angelina Esteves não ficou exarada na acta do mês anterior, como era devido embora fosse autorizado o pagamento do seu vencimento no mesmo mês; o presidente disse, que pôr se verificar que o serviço da auxiliar lhe ocupa mais tempo que o inicialmente se tinha calculado, propunha que a mesma passasse a ter o vencimento de seiscentos escudos mensais, com início no dia um do corrente mês de Julho. Foi aprovado por unanimidade. A seguir foram autorizados os pagamentos apresentados.

Em sete de Agosto de 1960, pelo que se depreende da acta, a Comissão administrativa deliberou pedir aos fornecedores, abatimentos nos preços dos artigos fornecidos. Assim da firma, Henrique da Cruz, de Monção, veio um ofício a dizer que não podia fazer abatimentos no preço da lenha que tem vindo a fornecer. Ofício da J. Valverde, S.A. de Vigo a comunicar que não pode fazer maior desconto no preço da Energia Eléctrica fornecida à Santa Casa, conforme lhe fora pedido pelo secretário desta Misericórdia. Também veio um ofício n.º 253 da Delegação Aduaneira de S. Gregório com a oferta de 4,200 kg. de pão para o hospital A Comissão Administrativa delegou no seu presidente, todos os poderes inerentes à compra de uma ambulância, podendo assinar todos os contratos e recibos referentes à mesma compra. Foi a primeira vez que Melgaço teve uma ambulância.

Em quatro de Setembro de 1960, veio uma oferta de cem escudos do Sr. Artur Correia dos Santos, para ajuda da compra da ambulância. Da Misericórdia dos Arcos de Valdevez veio o ofício n.º 198/60 respeitante ao acordo, para que esta Santa Casa possa utilizar os serviços de Sangue, que aquela Santa Casa está a instalar. De Lisboa veio uma carta do senhor Amílcar Jorge Fundinho, com a importância de cento e cinquenta escudos, para a ajuda da compra da ambulância. Foi recebida uma guia da Secção da Guarda Fiscal desta vila, a acompanhar 6,200 kg de pão espanhol, oferta para o hospital. Da Delegação Aduaneira de S. Gregório, foi recebido o ofício n.º 295 a acompanhar seis kg. trezentas gramas de pão de origem espanhola para o mesmo fim e uma carta de um anónimo comunicando ter enviado a esta Misericórdia vários géneros alimentares.

Em dois de Outubro de 1960, são apresentados na reunião os ofícios n.ºs 343-357 e 376, da Delegação Aduaneira de S. Gregório acompanhando respectivamente, 17, 5 kg., 18 kg. e 6 kg. de pão espanhol oferecido para o hospital desta Santa Casa. Da companhia de seguros Império, foi recebido um ofício sem número a acompanhar o vale do correio da importância de novecentos e setenta escudos. Ainda da mesma companhia, outro ofício sem número a acompanhar um vale do correio da importância de novecentos e noventa e dois escudos e cinquenta centavos, de dividendos em atraso. Da casa de Saúde do Bom Jesus de Braga veio um ofício sem número, acompanhando a conta das despesas feitas com a doente Olimpia de Jesus Afonso, que tinha sido lá internada. Em Novembro de 1960, é recebido o ofício n.º 133 do Sub-delegado de Saúde deste concelho, pedindo a cooperação desta Misericórdia nas visitas-inquérito aos organismos de medicina, curativa e preventiva que virá realizar o digníssimo Inspector clínico da Zona Norte. Da Santa Casa da Misericórdia do Porto, foi recebido uma circular solicitando qual a opinião desta Santa Casa, a respeito do

projecto de lei n.º 514 Estatuto de Saúde e Assistência, publicado nas Actas da Câmara Cooperativa. n.º 93 de 18 de Abril de 1960.

O senhor presidente da Comissão Administrativa disse que em virtude da Igreja da Misericórdia necessitar de urgentes reparações, a comissão encarregou o senhor secretário de mandar fazer as obras indispensáveis. Em Dezembro de 1960, da Junta de Crédito Publico veio o ofício n.º 6062, avisando para se proceder na Secção de Finanças deste concelho ao levantamento do Certificado da Renda Perpétua. Ofício n.º 34646, da companhia de Seguros Tagus, enviando o recibo da importância de 95\$50 escudos. Da Subdelegação de Saúde deste concelho, a avisar a visita de dois funcionários do Sindicato dos farmacêuticos (visita esta que já tinha sido anunciada), e pedem que se lhes envie devidamente preenchido o questionário que juntam.

Foram depois discutidas e aprovadas as propostas para irmãos desta Santa Casa, dos senhores Amandio Fernandes e Rosa Angélica Esteves, os quais foram escritos no respectivo livro e lhes foi enviado um exemplar dos Estatutos. A seguir o secretário, ao abrigo do cap. 2º para 2 dos Estatutos (em vigor na altura), propôs para serem escritos como irmãos desta Misericórdia os seguintes indivíduos: P. Manuel Lourenço, pároco de Fiães, Manuel Lourenço, proprietário de Cavaleiros, Rouças, Vasco da Gama Almeida, casado, desta vila, João Francisco Santos do Val, professor desta vila, Pe. Anibal Rodrigues, pároco de Castro Laboreiro, Pe. António

Domingues, pároco de Parada do Monte, Aprígio Abreu Cerqueira, comerciante nesta vila, Manuel José Esteves, comerciante nesta vila, Armando Côrtes, professor de S. Gregório, Manuel José Rodrigues professor nesta vila, Armando da Ressurreição Rodrigues, proprietário de Corçães, Rouças, Manuel José Rodrigues, viúvo, da Adavelha, Fiães, António Rodrigues, proprietário, da Adavelha, Fiães, Pe. Justino Domingues, pároco desta vila, Manuel Romano Lobato, professor de Rouças, João Batista Vaz, proprietário do Cerdedo, Rouças, Pe. Albertino Pereira, pároco de Paderne, Josefina Fernandes, doméstica de Paderne, Manuel Luis de Pinho Gonçalves, professor de Paderne, Dulcinea Nôvoas Gonçalves, doméstica, de Paderne, Artur Duque Barreiros, Comerciante de Paderne, Deolinda Pereira, doméstica de Paderne, Anibal José Esteves, proprietário de Paderne, Armanda da Luz Rodrigues, doméstica de Paderne, Manuel António Pereira, de Paderne, Madalena Leocádia Nôvoas, doméstica de Paderne, José Joaquim de Sousa Lobato, de Paderne, Rosa de Jesus Meixeiro, doméstica de Paderne, António Rodrigues, de Paderne, José Evangelista Pereira, de Paderne, Isabel Maria Pereira, de Paderne, José Cândido Gonçalves, de Paderne, Alexandrina da Glória Esteves, de Paderne, e Adriano António Cerdeira, comerciante desta vila.

(continua na pág. 7)

Fiães, já sabes?

Saiu-te a sorte grande!...

Acaba de ser constituída a nova Associação dos concelhos dos mosteiros de Cister na Sala dos Reis do mosteiro



Igreja de Fiães

de Alcobaca. Passaram a integrar a dita Associação os concelhos da Alcobaca. Arouca. Nelas, Santarém, Montalegre, S. Pedro do Sul, Portalegre, Sernancelhe, Tabuaço, Tarouca, Tomar e Penacova: apenas 12 mosteiros dos 32 que são no total.

Melgaço e Fiães fazem parte dos ausentes, Montalegre, pelo contrário, como sucede com o presunto, avançou sozinho sem esperar por nós. Isto apesar de Junias ser uma ponta do dedo debaixo do ponto de vista histórica em relação a Fiães.

A Associação pretende:

«Salvaguardar o património existente, intervir na elaboração de planos de preservação e constituir-se como interlocutor junto do Governo e da União Europeia».

O Presidente da câmara municipal de Alcobaca, Miguel Guerra, no uso da

palavra, foi dizendo: «(os concelhos que integram a nova Associação) apresentam ainda usos e costumes que refletem a imagem desses monges de Cister».

Mais adiante, afirmou claro e directo, sem qualquer dúvida: «em cada ano a Associação tentará revitalizar um monumento ligado à congregação de Cister em cada concelho».

O presidente do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico) afirmou mais adiante: (este governo) vai olhar para o património arquitectónico e intervir na sua recuperação, não só numa perspectiva de estaleiro de construção civil». «Há a preocupação de fomentar estudos adequados que possam valorizar esse património», e revelou, ainda, que o ministro da Cultura tem em preparação o projecto de levar misericórdias, municípios, Igreja e particulares a associarem-se em ordem a, juntos, resolver em definitivo o grave problema de salvar o património que tanto valoriza e enriquece o país.

A nova Comissão, integrada pelos presidentes da Câmara de Alcobaca, Arouca e Penacova, anunciou que vai fazer o levantamento exaustivo dos mosteiros ligados a Cister em ordem a chamar-lhes a atenção para a urgência e necessidade de salvar e reconstituir o que for possível do espólio cultural e histórico dos monges de S. Bernardo.

Certos estamos de que autarcas camarários e das juntas de freguesia da nossa terra vão tomar a peito integrar a nova Associação e, através dela, obter do IPPAR e da CEE a ajuda indispensável para reconstituir o mosteiro de Fiães, tal qual era há 30 anos de modo que volte a ser útil para os nossos dias.

Esperemos que sim.

Luis de Castro

VENDE-SE CASA E PROPRIEDADES

Em Requeijo - Roussas

A família de Américo Esteves, que era natural de Requeijo, em Roussas, vende casa e propriedades situadas nesse lugar, muito bem localizadas.

Terreno bom para vinha, com água abundante, marginando com a estrada.

Óptimo investimento.

Contacto: Braga, Quinta da Naia, Telef. 053.693147

AUTO PNEUS MELGACENSE

DE: António José de Carvalho Lima



Calibragem de rodas e alinhamento de direcções • Pneus nacionais e estrangeiros
RECAUCHUTAGEM IMPÉRIO

Mabor • Michelin • Kleber • Bridgestone
Goodyear • Semperit • Continental • Firestone
Pirelli • Stunner • Dunlop

ESTAÇÃO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA PNEUMÁTICA
SANTO CRISTO • TEL./FAX 051-43926 • 4960 MELGAÇO

Construções Real & Real, Lda.

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

Projectação de revestimentos exteriores e rebocos projectados.

Qualidade - Bons preços e cumprimento de prazos

Empresa jovem, mas com obra feita e à vista de todos.

S. Gregório - Cristóval - Telefone 43844
4960 MELGAÇO

Casa Paris

Fundada em 1966

de: Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobre • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

construções DOMINGUES



■■■ CONSTRUÍMOS, VENDEMOS E ALUGAMOS ■■■
Apartamentos T1-T2-T3; Comércio, Escritórios, Consultórios
■■■■■ VENDEMOS LOTES DE TERRENO ■■■■■

LOCAIS: Rua Dr. José C. Gomes de Abreu; Rua Dr. António Durães; Santo Cristo e Escola C+S.

Temos atendimento personalizado

TELEFONES: 43433-44747 • TELEFAX: 44747

Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Translações em todo o país e estrangeiro

Serviço Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 416237-44014 • MELGAÇO

Santa Casa de Melgaço

XXI

(continuação da pág. 6)

O senhor presidente, disse que para dar cumprimento ao disposto no Art. 107 do decreto lei nº 35108 de 7/12/1945, serão feitas eleições para os cargos administrativos, desta Santa Casa, para o próximo triénio, no dia 29 de Janeiro do próximo ano, pelas catorze horas nesta sala das sessões, para o que já se publicaram anúncios nos jornais locais e se afixaram editais nos sítios do costume.

Tomou a palavra o secretário, que disse o seguinte: que em atenção ao grande interesse que a obra humanitária desta Santa Casa (estou a citar) tem sido prestado pelo presidente desta comissão administrativa, Rev. Pe. Carlos António Vaz, durante o ano que esta a findar, nomeadamente até pelo interesse, iniciativa e empenho da compra da ambulância, propunha que o reverendo senhor fosse nomeado irmão desta Santa Casa, o tesoureiro apoiou a proposta com entusiasmo, pelo Exmo. presidente foi dito que aceitava a honra que os restantes membros da Comissão lhe atribuíam, muito embora não se julgasse merecedor, mas punha uma condição: a de pagar e lhe ser aceite a jóia, como a qualquer outro irmão proposto. Os outros membros da comissão concordaram com mais esta benemerência.

Ainda ao abrigo do parágrafo segundo, do artigo quinto do capítulo segundo, o secretário propôs para irmãos desta Misericórdia os senhores: João Hilário Gonçalves, desta vila, António Luís da Ascensão Reinales, de Chaviães, Manuel Lourenço de Lima Junior, carteiro desta vila, a senhora Beatriz Albina Fernandes, do lugar das Lages, Chaviães, e Capitão Alberto José Luis, da Ferreira, freguesia de Paços.

Na sessão do dia um de Janeiro de 1961, é apresentado o ofício do governo Civil de Viana do Castelo, com o número C-6/1 de 5 de Dezembro passado, que trata do assunto das próximas

eleições para os corpos gerentes desta Misericórdia. Da Câmara Municipal deste concelho é recebido o Ofício nº. 20-23-27, tratando do assunto do pessoal que trabalha nesta Misericórdia, com direito a voto, lembrando assim o disposto no Art. 14º da lei nº. 2015 de 28 de Maio de 1946. Da companhia de seguros, Tagus, é recebido um vale de correio, nº. 92614 na importância de noventa e cinco escudos e cinquenta centavos, para pagamento dos serviços prestados à sinistrada Maria Helena Ramalho dos Santos. O Rádio Club Português informou que vão fazer nos seus noticiários alguma propaganda do Cortejo de Oferendas que se irá realizar a favor desta Misericórdia. Do fundo de Socorro Social, veio um subsídio eventual de dez mil escudos e pedem que lhes seja enviado com urgência o recibo assinado. De um anónimo é recebido um ofício sem número, trazendo um vale de três mil escudos, e uma senha dos caminhos de ferro, para levantamento de vários géneros alimentares oferecidos a esta Santa Casa.

Do Governo Civil de Viana do Castelo, veio o ofício nº. R-671, comunicando que pelo senhor Governador Civil, foi concedido o subsídio de nove mil escudos. Como esta é a última acta da Comissão Administrativa antes das eleições, por isso são postas em dia as contas com todos os seus fornecedores, como se pode ver nos lançamentos desta acta.

A seguir para dar cumprimento ao estipulado nos Estatutos, foram apresentadas, discutidas e aprovadas, as propostas para irmãos desta Misericórdia, apresentadas na sessão anterior.

Depois tomou a palavra o senhor presidente, que disse, «é do conhecimento de todo o povo, do concelho, e também do país, graças a longa referência feita pela rádio e imprensa, do avultado donativo PROMETIDO a esta Santa Casa, pelos senhores Amadeu Abílio

Lopes e esposa para as obras do hospital. Como gesto tão altruísta e simpático não poderia de maneira nenhuma passar despercebido a esta Comissão Administrativa, por isso propunha que em sinal de agradecimento esta Comissão os nomeasse Irmãos desta Misericórdia, mandando inscrever os seus nomes no respectivo livro. Esta proposta foi aceite e aprovada por unanimidade e foi resolvido comunicar-lhes tal resolução.

(Acho extemporânea esta atitude da Comissão Administrativa, tanta propaganda e louvores por um prometimento. Vou estar atento à documentação daqui para a frente a ver se ele se concretizou. É muito significativo que uma mão não veja o que dá a outra e aqui ainda a mão não tinha dado nada e só faltou ser apregoado na televisão porque esta ainda estava em embrião).

Eleições

A acta da eleição da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, tem a data de vinte e nove de Janeiro de 1961. Na contagem das listas verificou-se que o senhor Pe. Carlos António Vaz, foi eleito provedor com quarenta e um votos, para secretário o Sr. Ezequiel Augusto do Val, com quarenta e um votos, para tesoureiro, o Sr. Hilário Alves Gonçalves com quarenta e dois votos, para irmãos de Mesa, prof. Manuel Luís de Pinho Gonçalves com quarenta e um votos, capitão Alberto José Luís, com trinta e cinco votos, Aprígio Abreu Cerqueira e Gaspar de Oliveira Figueiredo, com quarenta e dois votos cada, o total de votos entrados na urna foi de quarenta e dois.

A Santa Casa de Melgaço, entrou assim na normalidade com a sua administração eleita. A Comissão Administrativa, terminou as suas funções, a Mesa eleita tomou posse no mesmo dia das eleições.

Marcer

Trabalho da Cláudia em 5/5/97 para a escola sobre a vida humana

Vida humana

Certo dia me pediu
Minha filha um parecer,
De um trabalho p'ra escola
Que eu passo a descrever.

Vida humana era o tema
Do trabalho a fazer,
Eu assim peguei no mote
e lhe dei o meu parecer.

A vida do ser humano
Sai do ventre da mulher
Só que ele não é perfeito
Tal como Deus o quer.

A vinda do ser humano
De mistérios ele carece,
Dando o homem e mulher
Continuação à sua espécie.

Assim eis o tal mistério
De um grande desvendar
Que nós humanos, viventes,
Não o sabemos contar.

Entre a vida e a morte
Ninguém sabe nem saberá
Porque ninguém teve a sorte
De lá ir e voltar cá.

É assim este desvendar
Que de mistérios carece
O humano apenas sabe
Que no planeta aparece.

O humano vive e morre
Com mistérios a desvendar
Porque ninguém teve a sorte
De cá vir para nos contar.

Pouco ou nada se sabe
Do viver e do morrer;
Da vida do ser humano
Que morre mesmo sem querer.

J. Januário



Mirafior

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de carros para casamentos, Decorações de igrejas, Arranjos de flores frescas, secas e artificiais, Coroas, Palmas, Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 — Melgaço

IX Jogos Florais de Melgaço

Vão realizar-se mais uma vez, estes jogos florais, que são uma iniciativa da Orientação Concelhia da Educação Recorrente, patrocinada pela Câmara Municipal.

Os temas a versar são:

- Desenho - «O Viver dos Serranos»;

- Poesia - «Frio na Serra/Calor no Lar»;
- Fotografia - «Melgaço - Brandas na Serra»;

- Prosa - «Trajes Negros de saudades».
Os trabalhos deverão estar na Câmara Municipal até 21 de Julho.

NA VANGUARDA DE TODAS AS LINHAS



LINHA 1200

1210 / 1220 / 1230 / 1250 / 1260

- Nova linha de mini tractores Massey-Ferguson, 5 modelos, com uma gama de potências de 17 a 35 HP (DIN).
- Todos os modelos em versão 4RM, maior capacidade de tracção, maior rendimento.
- Transmissão com inversor sincronizado (MF 1250/1260), maior facilidade nas manobras, maior versatilidade. 16 velocidades para a frente, 16 para trás (MF 1250/1260).
- Tomada de força independente com duas velocidades (540/1000 rpm), ideal para qualquer serviço.

Agente Oficial para o Concelho de MELGAÇO



Garagem Lima

DE: António Rocha Lima

Rua da Calçada - Vila - 4960 MELGAÇO
Tels. 051-42105 / 44782 Fax 051-44782

Telemóveis | 0676 352678
0936 842812

NÃO FAÇA MAIS CONTAS À VIDA!



CONTA INVESTIMENTO

PARA OS SEUS INVESTIMENTOS

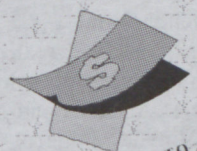
Em qualquer terra estes são os sítios onde a massa cresce mais.

Dámo-nos bem em qualquer terra.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Alto Minho



SOCIEDADE GESTORA DE FUNDOS DE INVESTIMENTO MOBILIÁRIO S.A.



GRUPO

Há 50 anos!...**Congresso Eucarístico em Melgaço****«Foi um facho de luz que iluminou todo o Vale do Minho»**

Sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, havia lançado a ideia de que em todos os arceprestados da Arquidiocese se efectuasse um Con-

grosso Eucarístico. E tão bela ideia concretizou-se logo na nossa linda terra de Melgaço.

de Braga. Luzida representação e extraordinário carinho pela nossa terra são as qualidades que adornam o insigne cabido da nossa catedral».



gresso Eucarístico. E tão bela ideia concretizou-se logo na nossa linda terra de Melgaço.

«A Voz de Melgaço» de 15 de Junho de 1947 tituló o acontecimento, em grande, com estas palavras:

«Foi um facho de luz que iluminou todo o Vale do Minho».

A realização do Congresso foi bem estudada e estruturada com claro objectivo espiritual e apostólico: a devoção à Santíssima Eucaristia.

Nada foi improvisado. É que durante um ano, inteirinho, se preparou o Congresso com estas realidades apostólicas:

— Houve missões em todas as freguesias do Concelho;

— Houve conferências de cultura superior religiosa no teatro da Vila; e

— Houve reuniões de estudo do clero em três dias consecutivos.

Com esta preparação cultural e religiosa se chegou aos dias da grande jornada, a qual se efectuou no dia 31 de Maio e 1 de Junho de 1947.

Três grandes momentos encheram o Congresso: a procissão das velas no dia 31, que foi precedida de uma soleníssima sessão solene no teatro, efectuada às 22 horas; o solene pontifical, no dia 1 na Praça da República, e a Procissão Eucarística, às 17 horas, que saiu da Capela da Orada e teve o seu ponto alto na Praça da República.

«A Voz de Melgaço», refere assim a procissão das velas: «Após a sessão solene organiza-se a procissão das velas. A hora é de esplendor das almas. Apaga-se a luz eléctrica. Um luar acariciador inunda o Vale e Melgaço, que se assemelha a um varandim, de onde se disfruta panorama encantador, oferece, nesta noite de luzes e de encantamento, espectáculo surpreendente.

Arde, no alto da Torre de Menagem, grandiosa cruz que domina o Vale do Minho. Nos altos dos montes ardem fogueiras, na encosta, em todas as casas e em todos os lugares, há luz, ardem velas, rezam almas, e os velhinhos espreitam o mar de luzes que ondeia nas ruas da Vila. Numerosa multidão enche a Vila.»

Do Solene Pontifical, realizado no dia 1 de Junho, celebrado pelo Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, «A Voz de Melgaço» dá-nos este registo: «Estão presentes os Bispos do Porto e de Limira, o Governador Civil, o Vigário Geral de Tuy,

cónegos desta cidade, e a Praça da República está repleta de gente.

Há que registar a presença do cabido — não falta um único capitular — da Sacrossanta Basílica Primacial

Crianças, novos, velhos, mulheres, tudo se incorpora na procissão».

O nosso saudoso conterrâneo, Professor António da Ascensão Afonso fez em «A Voz de Melgaço», de 15 de Julho de 1947, esta belíssima síntese do Congresso: «Eu admirei aquela empolgante iluminação dos montes de todas as freguesias do Concelho. Percorri os seus caminhos, estive em todos os lugares, tomei parte em todas as manifestações do bom povo da minha terra. Que linda a procissão das velas! Que magnífica parada de fé, a da missa campal, ali na Praça da República! Que belos coros os da Escola do Pe. Braz! E que efeito as vestes dos Bispos e do Cabido! Melgaço nunca tinha visto coisa igual.

Mas o que mais espicou a minha expectativa, o que excedeu a minha expectativa, o que mais me embriagou, foi o aspecto da multidão imensa, enchendo a Praça, estendendo-se por todas as ruas, vivendo e sentindo o Congresso.

Parabéns! Grandes parabéns, mereces, povo de Melgaço!».

Também estive na sessão da Câmara. Podia eu lá faltar? E gostei. Gostei imenso de ouvir o Dr.

de Braga. Luzida representação e extraordinário carinho pela nossa terra são as qualidades que adornam o insigne cabido da nossa catedral».

«A Voz de Melgaço» cantou o brilho da procissão Eucarística, efectuada às 17 horas do dia, com saída da Capela da Orada para a Praça da República,



MELGAÇO - Praça do Comércio

dizendo:

«A hora é admirável de sol e de luz. O cenário grandioso.

Com um céu azul, vê-se o rio Minho a deslizar mansamente, o vale extenso cheio de matizes e do verde das culturas, estrelam foguetes, ouvem-se os acordes da Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, ainda nos deleitam as vozes maravilhosas do belíssimo coral do nosso Seminário Conciliar, sob a regência do Pe. Alberto Braz.

Saindo da Capela românica da Orada, o trajeto da procissão abarcava um dos cantos mais lindos de todo o Alto Minho e, antes de se concentrar na Praça da República, dava a volta ao histórico Castelo de Melgaço, à esbelta Torre de Menagem.

São milhares e milhares de pessoas que se incorporam na procissão e todos cantam e rezam.

Há muita ordem, e extraordinário respeito e fé intensa.

Causa espanto e admiração um nutrido grupo de lavradores, com enxada aos ombros e o seu digníssimo pároco à frente, o Pe. Manuel António Bernardo, de Riba de Mouro.

É a terra crente que presta as suas homenagens à Eucaristia. É a realidade viva da boa e cristianíssima gente do Alto Minho.

As freguesias seguem-se umas às outras, por ordem alfabética, sempre a cantar e sempre a rezar.

Pimenta. O bom amigo foi bem o porta voz dos melgacenses. Como sempre, falou com verdade e com sinceridade, interpretando admiravelmente os sentimentos da boa gente de Melgaço.

Vi o trabalho dos Párocos, o trabalho com que dirigiam os seus rebanhos, o entusiasmo que comunicavam aos seus paroquianos. Creio bem que o triunfo do Congresso se lhes deve, em grande parte.

Admiravelmente cumpriu o Professorado do Concelho! Sem o seu concurso, seria um jardim sem flores, uma fruta sem aroma — o perfume exalado por aquelas centenas de cândidas crianças.

E, no meio de tudo, admirei e senti a alma daquela maravilhosa manifestação de fé e de bairrismo: o Arcipreste.

Ele, o Pe. Carlos Vaz, foi o idealizador e o obreiro máximo do Congresso. Pode descansar, porque trabalhou.

Melgaço cumpriu e cumpriu bem!

Sinto orgulho de ser melgacense!

Parabéns, povo da minha terra!».

Foi há 50 anos. O Congresso Eucarístico de Melgaço foi um facho de luz que iluminou o Vale do Minho.

Artigo de Ricardo Gonçalves**Quem foi afinal Inês Negra?**

(continuação da pág. 5)

legitimidade própria, e claro está não se esquece de dizer que são pessoas como eu que vendemos a África, estamos de acordo que a descolonização correu mal, porque devia ter sido feita pelo menos 20 anos atrás, quando as outras potências da Europa fizeram as suas descolonizações. A nossa acabou por ser feita por um regime saído de uma revolução em que ninguém se entendia em que estava em causa a construção da democracia em Portugal, que não foi fácil de construir, com a guerra fria América-Rússia no auge.

Com cada potência a jogar os seus interesses, era muito difícil fazer muito melhor. Talvez outra hipótese fosse terem surgido nas nossas antigas colónias líderes género D. Pedro I que no século passado, proclamou a independência do Brasil, que proclamassem a independência e depois negociassem para construir democracias com a participação de todos. Só que o filho dos reis de Portugal, príncipe D. Pedro, tinha no século passado um espírito mais aberto, percebia mais de política e tinha uma elite melhor preparada do que neste século os principais caciques do tempo de Salazar, em que pouca gente percebia alguma coisa do Mundo que o rodeava, e a maioria estava completamente desinformada de tudo.

Já agora, umas perguntas que eu gostava de fazer. Se o Senhor vivesse no tempo de D. Pedro I, Imperador do Brasil, e tivesse as ideias que tem hoje, considerava o príncipe D. Pedro um traidor à Pátria Portuguesa, ou um herói? Se tivesse que optar na luta existente, depois em Portugal, entre D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal, com as suas ideias liberais, e seu irmão D. Miguel, o absolutista, que o povo chamava de caceteiro o senhor optava por D. Miguel? Pensa, ou não, que o Brasil ainda devia ser colónia portuguesa? Ou que todos os povos têm direito à sua independência como agora exigimos, e bem, para Timor-Leste.

Em relação aos insultos que o senhor me dirige por eu defender valores diferentes dos seus, é importante que se habitue a respeitar a liberdade das outras pessoas, pois a sua liberdade termina onde começa a liberdade do outro.

Falando agora do tema principal deste artigo que é o debate sobre a Inês Negra, pela importância que esta mulher ganhou na vida de Melgaço, penso que é importante descrever tudo o que sobre ela foi dito ao longo destes 600 anos, aproveitando para descrever o cerco de D. João I a Melgaço, onde tudo começou.

Os autores que descreveram o cerco de Melgaço, foram em primeiro lugar o historiador Fernão Lopes, que foi cronista-mor do reino, e encarregado de escrever a crónica de D. João I, não esteve em Melgaço mas de certeza que falou com muitos dos nobres e cavaleiros que estiveram no referido cerco, portanto a única fonte e mais ou menos credível é o cerco a Melgaço inserido na Crónica de D. João I de Fernão Lopes.

D. João I, Mestre de Avis, era filho

bastardo do Rei D. Pedro I (espero que não considere isto um insulto à mãe de D. João), que apoiado pelo povo e pela pequena nobreza, foi o líder que impediu a anexação de Portugal por Castela, este período ficou conhecido na história como a crise de 1383-1385, foi neste período que Nuno Álvares Pereira um «filho segundo da nobreza» comandou os portugueses na vitória de Aljubarrota e noutras batalhas.

Mas se muitos portugueses e muitas terras, apoiaram D. João I, houve outras terras e muito nobres e clero que apoiaram o Rei de Castela, que reclamava o trono de Portugal por ter casado com a única filha do último Rei de Portugal, D. Fernando, entretanto falecido. Inclusive Braga e Guimarães estiveram na primeira fase ao lado do Rei de Castela, assim como as terras do Vale do Minho, que depois se entregaram a D. João I sem resistência, só Melgaço é que ofereceu forte resistência. Ao lado de D. João I esteve a maioria do povo, da burguesia, da pequena nobreza e os filhos segundos da grande nobreza, que devido à lei do morgadio nada herdavam de maneira que só arriscando é que podiam subir na hierarquia do poder.

Eram tempos difíceis estes para a Europa, a guerra entre as potências eram constantes, existiam dois papas o de Avinhão, em França e o de Roma em Itália. Castela e França apoiavam o de Avinhão e a Inglaterra o de Roma, Portugal apoiava um ou outro conforme as alianças que em cada momento fazia, toda esta instabilidade da Europa se reflectia em Portugal, onde as revoltas de camponeses contra o sistema feudal, dos filhos segundos da nobreza, da burguesia e do povo confluíram a favor de D. João que com o apoio desta gente e dos representantes de muitos Municípios, e a capacidade argumentativa do legista Dr. João das Regras, foi proclamado Rei nas Cortes de Coimbra.

Todos estes assuntos históricos são tratados minuciosamente nos dois volumes da obra de Fernão Lopes onde também é descrito o cerco a Melgaço, que em 1388 ainda era das poucas terras que continuava fiel ao Rei de Castela. Pela importância de ser a terra fortificada mais a Norte de Portugal, para consolidar nessa fronteira a presença de Portugal o próprio D. João com as melhores tropas do reino veio cercar a Vila de Melgaço, este cerco durou de Janeiro a Março de 1388, 53 dias, período durante o qual Melgaço foi por assim a verdadeira capital de Portugal, pois o Rei andava sempre de um lado para o outro e onde ele estivesse instalado era a verdadeira capital, pois aí vinham a nobreza e o clero bajulá-lo, pedir-lhe benesses, mostrar-se, meter-lhe «cunhas», enfim, tudo o que se calcula.

Seguidamente, vamos descrever e comentar os textos dos principais autores que se debruçaram sobre o cerco de Melgaço a começar por Fernão Lopes, que é a única obra com credibilidade histórica que existe na Torre do Tombo que fala na hipotética Inês Negra.

Continua

Melgaço em Movimento

Património Cultural e Histórico

1. Vídeo Conferencia

Em Defesa e Preservação do Património Histórico e Cultural do Concelho de Melgaço Cultura

O Que, é uma cultura?

É um determinado conjunto de modelos de comportamento, de usos e costumes, de instrumentos e objectos, usados por uma população, geralmente confinada num espaço geográfico definido.

Assim entendida, cultura é uma realidade preciosa e concreta, isto é, diz sempre respeito a uma população assinalada por características peculiares, que a distinguem de outras populações.

Se falarmos de «cultura portuguesa» queremos com isso significar um conjunto de elementos que constituem um todo relativamente coerente que caracteriza os portugueses, ou seja, aquilo que faz com que os portugueses sejam portugueses. Hoje diz-se frequentemente que a cultura de um povo é aquilo que constitui a sua identidade.

Essa identidade – a cultura que a define – não é fruto de um projecto racional, elaborado da maneira como se pode projectar e realizar, de raiz, uma fábrica, um complexo industrial, uma urbanização.

Uma cultura é o resultado de um processo (homem-outros homens, homem-ambiente), longo e lento, de acordo com os condicionamentos de vária ordem: geofísicos, económicos, delimitação de espaços e fronteiras, tecnologias, produções, valores, etc... Nesse processo se vão integrando, afeiçoando, compondo, os vários elementos até constituírem um todo relativamente coerente. Tomando como exemplo a cultura da região onde se insere Melgaço, diríamos que ela é fruto do multissecular esforço e intervenção humanos, vividos no preciso espaço encerrado entre montanhas e cursos de água (Peneda, Geres, Soajo, Amarela, Rio Minho e Sil...)

Dissemos que uma cultura é um todo relativamente coerente, e isso quer dizer duas coisas:

A primeira é que os seus elementos têm relações mútuas e se explicam e completam uns aos outros. Por exemplo, uma igreja românica, uma ponte romana ou celta, têm a ver com o «universo» em que se inserem, com os costumes e aspirações das terras e gentes contemporâneas, com os seus modos de pensar e sentir, de trabalhar e comunicar.

A segunda observação: a coerência interna da cultura como um todo é apenas relativa: não é fixa nem imóvel. Cultura é realidade dinâmica: é «um povo em movimento», em evolução; nessa evolução os elementos integrantes vão-se alterando; uns perdem significado e funções, outros aparecem e afirmam-se.

Há instrumentos, costumes, formas de trabalhar, de cantar e rezar, que perduraram por séculos de vida; outros desapareceram e deles nos fica recordação e memória nas histórias, nos instrumentos, nos lugares que os viram florir e morrer. Por exemplo, as eiras são espaços que, em alguns sítios ainda têm a mesma função secular, noutros, já a perderam ou, então modificou-se (servindo para manifestações turísticas ou para integrar em jardins de casas ricas, etc); os jugos ou cangas de bois continuam a servir, mas há quem os use para decorar casas; as alegrias e vicissitudes, do trabalho do linho, hoje, só existem apenas nas histórias e sentimentos dos mais idosos.

Ao mesmo tempo, novos costumes, novas formas, novos instrumentos de trabalho e de recreio, tomam posição de relevo nas culturas, nacionais e regi-

onais. A emigração, por exemplo, suscitou e suscita um novo surto de histórias, fez do automóvel um «objecto» comum na vida das pessoas, trouxe novas palavras à linguagem corrente, modificou crenças e valores: os Melgacenses são os mesmos, mas ao mesmo tempo modificam-se. Em resumo: a sua cultura vai-se alterando. Essa alteração é lenta; pois, do mesmo modo que a cultura não nasce já feita e pronta, por deliberação das pessoas, assim também não se muda radicalmente dum dia para o outro, por desejo ou decreto de quem quer que seja, por violência, por opressão ou subversão – mesmo que as aparências possam levar a pensar que «realmente está tudo mudado». As mudanças profundas são lentas porque vão à raiz das coisas, e as pessoas, aculturadas como as árvores, não tombam com o vendaval.

Património cultural

O conceito de património cultural anda ligado ao conceito que se tenha de cultura; dele se distingue por especificar, numa determinada cultura, alguns elementos, alguns objectos e formas, que se consideram particularmente significativos e recebem, por isso, uma consideração especial. Dizemos assim, por exemplo, dos monumentos arquitectónicos do Concelho de Melgaço, que fazem parte do seu património cultural, porque entendemos que o Castelo Medieval, a Ponte Romana de Lamas e a Ponte Celta e Castelo de Castro Laboreiro, o Convento de Fiães e de Paderne, a Igreja da Orada e outras Igrejas e Pelourinhos espalhados pelo concelho, constituem um testemunho da existência, das crenças, das formas de viver e sentir do homem de Melgaço, através dos tempos. E tudo isso participa, ainda hoje, na definição da sua identidade.

Entretanto, os costumes ligados às fainas produtivas, os instrumentos de trabalho, as formas e objectos de culto religioso, de instrução ou de recreio, as múltiplas actividades, antigas e tradicionais ou mais recentes, que designamos por «manifestações culturais ou artísticas» (teatro, canto, danças, feiras, romarias, etc.), constituem o «património cultural», que engloba o «património artístico» mas é mais vasto que ele e não menos importante.

Um tear, por exemplo, pode ser uma peça do património cultural de Melgaço, não pela sua beleza (valor artístico) mas por ser um instrumento carregado de significado. Ele nos explica uma forma de trabalho, vigente no concelho, em determinado período histórico, à qual vão ligadas outras formas locais contemporâneas, como sejam, a criação de gado lanígero, a arte do linho, o trabalho das tecedeiras, as histórias e festas, ligados a tal actividade.

O valor do tear como peça patrimonial está, pois, na sua capacidade de testemunho, de elemento simbólico, de instrumento pedagógico.

Defesa e preservação do património cultural

Toda e qualquer pessoa defende a própria existência, as suas crenças e valores, a sua linguagem e seus hábitos, os objectos e instrumentos, que, pela sua utilidade, são como que parte de si mesma: perder estes elementos significa perder, no todo ou em parte, a própria identidade.

O mesmo vale para os povos: perdido o território, perdidas as festas e feiras, seus modos e instrumentos, arruinadas as casas, as igrejas e as praças, esquecidas as músicas e os poe-

mas que cantavam a vida, seus prantos e regozijos, perdidos este elementos, no todo ou em parte, essa terra como que perde a memória e perde ou enfraquece, por aí, a sua identidade. Um povo sem memória é um povo que já morreu e não o sabe...

Por isso, defender o património é o gesto de quem defende a própria existência: o futuro está dependente dessa defesa.

Também aqui pode ajudar a comparação com as pessoas: estas precisam de país, de raízes, de ligações a coisas, espaços, ritmos, etc. Sem isso, é muito difícil a integração social, e muito problemático o seu futuro, pois não há identificação que permita assumir progressivamente uma atitude autónoma e criativa.

Assim, também, às regiões e populações locais importa conhecer a própria história e geografia, conhecer os recursos e sua utilização, os valores, costumes e hábitos que regeram e regem a vida local, para poder assumir o próprio destino. Se se destroem todos os sinais, todos os elementos e conhecimentos, ou se se vive exclusivamente dos elementos que se vão buscar fora, ou então vive-se como estranho na própria terra e como estranho de si mesmo. Melhor: deixa-se de viver, porque apenas se está a vegetar. Daí a necessidade imperiosa de conhecer e defender o património.

Algumas medidas de defesa do património cultural

A defesa do património cultural, entendido este como o definimos, será pois, basicamente, uma defesa de si mesmo. Isto quer dizer que cabe às regiões e às suas forças vivas, a iniciativa e o papel principal nessa defesa. Não se há-de esperar, passivamente, que as entidades nacionais se encarreguem de definir os termos dessa defesa e assumam totalmente, os encargos da mesma.

A primeira medida, que condiciona todas as demais é a promoção e divulgação do conhecimento desse património. Que é o mesmo que conhecer-nos a nós mesmos, conhecer o mundo que nos rodeia, nos condiciona e modela, que tão ligado está à nossa génese.

Exemplos do que dizemos: artes ou ofícios que desapareceram ou diminuíram muito (ferrador, oleiro, cesteiro, etc.); artes e objectos que perderam a utilidade directa, mas adquiriram valor simbólico ou decorativo e, por aí, renovaram ou reforçaram o valor económico (artes decorativas, como certas olarias, funilarias, tecelagens, ferriarias, etc.); artes e instrumentos que conservam toda a sua utilidade, embora, por vezes, profundamente alterada (muitas actividades e instrumentos respeitantes ao labor agrícola, cujas funções continuam a ser as mesmas de sempre).

Finalmente, este conhecimento de nós mesmos e do nosso património mais a avaliação crítica que daí se deve seguir, permitem assumir o passado e o presente como elementos, instrumentos e estímulo do futuro.

A promoção deste conhecimento supõe várias medidas complementares, uma delas é o levantamento e classificação de todas as formas, elementos e actividades culturalmente significativos da região e das várias áreas da região.

Este levantamento, devidamente construído, publicado e divulgado é condição prévia essencial para uma actuação criteriosa, quer directamente sobre o património (por exemplo, intervenções relativas ao artesanato e ao modo de o tornar activo e rentável),

quer indirectamente sobre sectores cujas actividades podem afectar esse património (por exemplo, instalação de unidades industriais ou turísticas).

Acrescentaríamos que não convém esperar, neste campo como noutros, que entidades (públicas ou privadas) ou peritos exteriores à região ou área, venham cumprir esta tarefa.

Contar também com a colaboração dos naturais, cujo conhecimento e sabedoria são inestimáveis para a causa que aqui tratamos e propomos. Congraçar, estimular e apoiar tais pessoas e capacidades, é, por isso, uma acção altamente compensadora.

A segunda medida genérica, da maior importância para a defesa e preservação do património, é a promoção do seu uso: e o melhor modo de o preservar!

Isto há-de ser entendido e praticado de acordo com a natureza, situação e estágio evolutivo do elemento patrimonial considerado em cada caso. Uma arte florescente (exemplo: uma olaria ou tecelagem bem adaptada económica e socialmente aos tempos de hoje), uma actividade viva e interessante (exemplo: um rancho folclórico que é acarinhado pela juventude dum terra), um monumento de função definida e activa (exemplo: uma igreja antiga, mas aberta ao culto, frequentada e usada habitualmente para celebrações religiosas, e eventualmente também, para manifestações culturais que, não destoem) são exemplos de situações de uso que, mantêm os elementos patrimoniais em vida, tanto sob o ponto de vista físico como do ponto de vista simbólico e significativo.

Ainda a respeito de uso, como modo mais capaz de manter os valores patrimoniais, conviria deixar aqui, pelo menos, um breve apelo às intervenções que, se impõem como necessárias para que, algumas actividades de grande valor – por exemplo, certas formas artesanais – possam subsistir e expandir-se por si mesmas, e possam ainda atrair os jovens aprendizes que hão-de perpetuar e inovar as artes seculares e as obras delas procedentes.

Uma terceira medida em ordem à defesa do património cultural, que, poderíamos considerar um corolário das medidas anteriormente apontadas, consiste numa acção de educação e promoção da consciência e utilização desse património local.

Quem encontra uma pedra e acha que não passa dum pedra, deita-a fora; mas se tiver a capacidade de discernir o ouro que nela se encerra, guarda-a, aproveita-a. De igual forma, quem conhece e entende o valor dum património e dos elementos que o compõem, não os despreza nem destrói. Por isso, a melhor maneira de salvaguardar tais valores é educar para o seu conhecimento e uso.

O Papel da escola

Parece-nos, efectivamente, que a escola tem uma responsabilidade, que

não pode alienar, na tomada de consciência, por parte dos jovens, do que é a sua terra, que valores encerra, que realidade e aspirações são as suas. Uma pedagogia activa não deixará de aproveitar ao máximo as actividades didácticas para promover essa consciência; e aproveitará, igualmente, os elementos locais para ilustrar e preencher os requisitos da programação e objectivos de acção escolar.

Para que a escola realize, pois, estas tarefas importantes, torna-se necessário que a organização e gestão das suas estruturas, bem como a elaboração dos seus programas de ensino, contem, obrigatoriamente, com a participação e responsabilização de pessoas locais, individuais e colectivas, tais como, encarregados de educação, representantes das associações culturais e profissionais, e autarquias locais.

Mas a educação, assim como a defesa e fruição do património cultural, não são, de modo algum, tarefas ou actividades reservadas para os jovens: educação é um processo que, ao fim e ao cabo, se identifica, ou devia identificar, com a própria vida. Daí o falar-se em educação permanente, a qual exige a organização de pessoas e instituições que se dediquem a essa tarefa de promover o conhecimento, divulgação e utilização de valores patrimoniais, passados e presentes chegando, aí, à criação de novas formas, novas obras, homens novos. Acrescentaríamos, ainda, que essa tarefa educativa requer animadores mais do que meros palradores.

Notas sobre a defesa do património cultural de Melgaço

À luz dos conceitos e considerações que antes propusemos, poderemos dizer que o problema cultural, em Melgaço, tem a ver, com carências, mas, também, com a falta de conhecimento de si mesmo e da própria realidade, suas características positivas e negativas, e está ainda na consequente dificuldade de evoluir e desenvolver-se a partir dessa realidade e suas potencialidades. Vive-se, então, em boa parte, de modelos, princípios, imagens e ajudas vindas de fora. É isso o subdesenvolvimento: basicamente, uma situação de dependência (mesmo que certos indicadores atinjam níveis razoáveis), uma falta de autonomia.

Eis porque adquire particular relevo uma iniciativa como a da criação de um movimento social que se oriente no sentido de assumir a função da preservação, promoção e defesa do património histórico e cultural de Melgaço, isto é, dos costumes, das pessoas, das coisas, do trabalho, do recreio, da arte, que, ao longo do tempo, até aos nossos dias, modelaram o rosto da terra e a alma dos seus habitantes, e constituíram um património, que é a herança vital e a base do futuro. E são esses

(continua na pág. 10)

Instituto Português da Juventude

Foi nomeado Delegado Regional de Viana do Castelo do Instituto Português da Juventude,

Fernando Cabodeira, a quem «A Voz de Melgaço» deseja as maiores felicidades.

Restaurante «O Adérito»

DE: António Adérito Pires da Costa

Almoços, Jantares e Banquetes
Serviço de Casamentos, Baptizados e Comunhões

Santo Cristo

Telef. 44412

4960 Melgaço

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

Os desígnios do Criador são insondáveis. Por mais que queiramos procurar uma explicação não achamos. Para mim, entretanto, já o disse outras vezes, me satisfaz a ideia de que Deus chama a Si as almas boas para reforçar as legiões angelicais. E para o mister de proteger outras almas carentes leva criaturas em plena juventude, aquelas que ainda não se corromperam com as maldades da vida.

Foi o que aconteceu no dia 29 de Maio, festa de Corpus Cristi, quando o jovem melgasil, Marcos André Veloso, encerrou sua breve caminhada terrestre. Com apenas vinte anos completados em 11 de Abril, na fase mais fulgurante da existência, o Marcos, trabalhando numa das empresas do pai preocupava-se apenas em fazer amigos e espalhar fraternidade. Preparando-se para uma banal cirurgia reparadora sofreu parada cardíaca durante a anastesia. Todos os esforços da ciência foram em vão; a hora da chamada era aquela.

Os pais, António Veloso, nosso conterrâneo, da Portela, Chaviães, e sua esposa Maria Celeste, da Beira Alta, a muito custo compreenderão que Marcos André apenas lhes foi emprestado para, durante vinte anos, alegrar-lhes a vida juntamente com os outros dois filhos.

É duro, nós o sabemos e muitos outros o sabem, como é terrível perder-se um ente querido em plena juventude, sem doença ou qualquer sintoma que pudesse prever tal desfecho. Resta a certeza de que Deus sabe o que faz.

* * *

No dia 4 de Junho realizou-se a missa de 7º dia do Marcos André, na capela do Colégio Na. Sa. de Lourdes onde estudou, no bairro de Botafogo. Eu e a Guida fomos com o Armando Pereira no carro dele representando todos os melgacenses.

Temos assistido a muitas demonstrações de carinho e apreço mas nenhuma como aquela. O templo estava literalmente repleto, tomado por muitos jovens coleto, e a legião de amigos que o Veloso soube angariar em todos estes anos de Brasil. O assombro que nos causou a reunião de tantas pessoas demonstrando fé e afeto à família, fez o Armando soltar esta expressão: «mais uma vez ficou demonstrado o valor da raça.»

* * *

Eu senti uma reacção idêntica à do Armando. Em meio a um acto de pesar enorme orgulho se apossou de nós. Vejamos: o António Veloso e a esposa, saídos das suas terras, como todos nós, no caso, ele, vindo de Chaviães, sem conhecer outros horizontes além da sua aldeia, com pouca instrução como todos nós, numa terra desconhecida lutou bravamente para se firmar na vida. Progrediu, constituiu família. Com a ajuda da esposa continuou lutando. Quem trabalha com afinco e honestamente forçosamente tem de alcançar progresso. Com a pouca instrução que trouxemos e a muita inteligência que séculos de cultura acumulou na carga genética, o português que sai de sua terra se impõe. Dá exemplos de tenacidade, honestidade e o que é mais, actualmente neste mundo desorientado é quase o único que preserva e mantém a instituição FAMÍLIA.

Ora, tudo isto só pode causar admiração e respeito da camada da sociedade mais esclarecida. Família bem constituída e respeitada não é apanágio só do Veloso, é de todos os melgacenses

e de todos os portugueses onde quer que estejam; no Brasil, na Venezuela, na França, no Canadá, nos Estados Unidos, em todo o mundo. Longe de sua terra mais se apegam às tradições que herdou e faz questão de transmitir. Ontem como hoje os portugueses que se radicam em terras estranhas fácil convivem com outras etnias e até se mesclam mas sem perder seus valores, morais e religiosos. Então, quando cidadãos de vários matizes acorrem em grande número a solidarizar-se com uma família portuguesa, cabe bem a frase do Armando: «Isto é o valor da Raça.»

* * *

Em Outubro próximo o Santo Padre João Paulo II vem ao Rio de Janeiro para o segundo Encontro Mundial do Papa com as Famílias. Esta, a família, célula mater da sociedade, é instituição em extinção. Vendas degradantes fustigam a humanidade com a propalada globalização que as Internet's da vida levam a todos os recantos. Sua Santidade escolheu o Brasil talvez porque é ainda aqui que o português continua evangelizando com seus exemplos.

* * *

Parece que Outubro vai ser um mês especial no Rio de Janeiro, além do Pontífice maior da cristandade também nos visitarão o Zeca Pires e o Rui Seixo.

* * *

Na tarde de 5 de Junho um telefonema que parecia vir da casa ao lado tal a nitidez, trazia da França a voz do conterrâneo Rui Seixo comunicando que em Outubro estaria por aqui para confraternizar com os melgacenses especialmente os colegas cristovenses, irmãos António Manuel e Armando Pereira, Germano e António Monteiro e a Sarinha, além do primo brasileiro. Amigo Rui, será bem vindo, pode ter a certeza. Estamos lhe aguardando.

* * *

No dia 10 de Junho, dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas (antigamente era o dia da Raça mas atualmente Raça não diz nada para as novas gerações e acabaram com ela, ou o seu dia), pois como fazemos de longa data decidimos prestigiar as solenidades alusivas.

A Guida advertiu que não seria de bom tom irmos com o nosso carrinho (ainda aquele mesmo doutras aventuras), vazando óleo e morrendo a toda a hora; afinal a raça merecia mais. É mesmo! Concordei. Tirei-me dos cuidados e naquele dia pela manhã levei o «paciente» a seu «médico» particular, o competente Jerónimo Figueiredo e Castro. Recebeu-me sorridente e cordial como sempre, embora eu notasse que lhe ia causar transtorno.

Oficina cheia de carros em reparos e outros na porta aguardando vez era pronúncia de grande azáfama. Disse-lhe ao que ia e mais, para aquele mesmo dia. Coçou a cabeça, mandou que entrasse com o carrinho por baixo dos que estavam suspensos nos elevadores em conserto, até ao fundo da oficina. Posto em cavaletes ele mesmo enfiou-se por baixo do «bichinho» para dar o diagnóstico: vazamento no diferencial e na caixa de velocidades. Ia ser uma mão de obra e tanto!

Fazia anos que o neto do Dr.

Vitoriano não se enfiava por baixo de um carro: como dono da empresa apenas supervisiona o andamento dos serviços. Pois desta vez passou o dia inteiro fuchicando no «subsolo» do meu carango para não desviar funcionários doutros sectores. Apenas fez um intervalo ao meio dia para almoçarmos e então falar sobre assuntos melgacenses. Aproveitando a estadia no estaleiro também deu uma olhadinha no carburador que estava derramando gasolina. Não era a bóia, não senhores, era um furinho na carcaça. Claro que o Jerónimo deu jeito e o carrinho só não saiu voando da oficina por falta de asas. Qualquer oficina ou mecânico avulso se recusaria a fazer os reparos que de longa data o nosso «furioso» vem necessitando: só mesmo um bom amigo, melgacense de Alvaredo, estaria disposto a recuperar aquela peça de museu.

Embora não esteja disposto a desfazer-me deste «membro da família» o certo é que tenho de adquirir um carro melhorzinho para atender com mais elegância aos amigos que virão nos visitar em Outubro.

Moral da história: à noite fomos à Sessão Solene no Real Gabinete Português de Leitura em comemoração ao dia de Portugal que, por sinal, foi bem monótona sem qualquer destaque.

A Cristiana, gatinha bonita e jeitosa, filha mais velha do Jerónimo que acessora o pai na oficina, é piloto de provas. Os carros que ficam prontos é ela que os testa rodando nas vizinhanças antes de os entregar aos clientes. Melgasil é assim mesmo, pau p'ra toda a obra em matéria de trabalho. Obrigada, Jerónimo.

* * *

A sobrinha neta Karine, moradora em Dijon, França, que vai casar em meio a grande pompa agora no dia 19 de julho, comunicou-nos que no dia seguinte ao casamento seria o baptizado da Júlia, filha dela e do marido Philippe. A Júlia chegou em 31 de Março, último.

Estou divulgando este inusitado acontecimento com muita alegria e bastante orgulho para confirmar o meu ponto de vista sobre o comportamento dos melgacenses e também dos melgacenses. Assumir o resultado duma «amizade colorida» dentro dos padrões tradicionais é gesto de nobreza digno de louvor.

Numa época em que mulheres famosas difundem a moda de filhos de produção independente e outras em bebês de proveta, deixa-nos vaidosos saber que a nossa gente mantém a tradição.

Karina e Philippe, se eu fosse vocês, fozia o baptizado da Júlia na mesma hora do casamento. Não sei se seria inédito mas que seria bonito e original, seria! Parabéns por sacramentares o gesto ousado mas banal. Ficamos rezando pela vossa felicidade.

Suzana e Duarte: vou enviar-vos um carregamento de lenços para acabar a babação... A Júlia veio formar o quarteto com Duarte Rodolfo, o Júlio Adrião e o Adriano António. Por enquanto estamos empatados. Logo, logo vocês passarão à frente, as vossas fábricas são novas e a Vicenta ainda está em compasso de espera. Felicidades para todos vós.

* * *

Colaboração filosófica do amigo M.G. - Inveja, traição e ingratidão às vezes vem dos amigos, familiares e pessoas amadas.

Rio, 13-6-97
M. Igrejas

Ponte Peso-Arbo

O «Faro de Vigo» de 23 de junho ocupava a 7ª página com o acontecimento da ponte Peso-Arbo.

ais com o nosso país vizinho»; - «O orçamento é de 218.500.000 de pesetas».



Plano do Traçado

Assim, informava os leitores desta maneira.

- «A junta iniciou as obras da ponte internacional de Arbo»:

- «No passado dia 11 de Junho, o Presidente da Junta inaugurou o começo das obras de construção da ponte internacional de Arbo sobre o Minho».

- «Com prazo de execução de doze meses, este projecto supõe uma melhoria significativa nas redes de comunicação da comarca e nas relações sociais e comerci-

E com duas fotos concretizava a notícia.



D. Manuel Fraga, no dia da inauguração das obras da ponte

Melgaço em Movimento

Património Cultural e Histórico

(continuação da pág. 9)
objectivos os que identificam as tarefas que, no nosso entender, estão, mais do que quaisquer outras, cometidas a esta tão importante iniciativa.

Sem memória, não há identidade, cultural e humana; sem identidade, não há futuro.

Por isso, um movimento deste tipo poderá entrar na primeira linha das actividades que visam recolher e preservar os valores acumulados no concelho e na região. A história, a economia, a arte, o trabalho deverão encontrar aqui, não só acolhimento, mas tratamento e divulgação.

Para isso, deveremos promover a organização do levantamento dos bens culturais, do reconhecimento dos mesmos, porventura, em muitos casos, da recolha de elementos, inclusivamente materiais.

Chamamos a isto «memória de Melgaço», porque, assim como, para cada indivíduo, essa faculdade lhe oferece a possibilidade de dispor dos materiais com que organizar e construir a sua vida, assim, também, a memória colectiva de uma terra é essencial para a construção do seu futuro a partir dos materiais (valores, pessoas e bens) que são os seus. Daí, a conveniência da participação de pessoas de várias formações e interesses, que possam concorrer, na sua diversidade, para o maior enriquecimento e fecundidade deste movimento, condição de seu futuro.

A defesa do património histórico e cultural de Melgaço deverá ser, antes de mais, um movimento de animação, que promova a consciência, aproveitamento e a renovação do património cultural do concelho e da região. Animar, isto é, restituir uma alma e tornar vivas as coisas e pessoas do passado, para delas recebermos a sua mensagem. Animar, por exemplo, as pedras duma ponte ou calçada romana e fazer nelas ressoar o trabalho dos seus construtores, saber do sentido e alcance desta via de comuni-

cação, ouvir os passos de ferro das legiões ou dos humildes caminhantes, em trânsito... para onde? em busca de quê ou de quem? Da paz romana ou da guerra peninsular? Da aventura da vida ou da morte? Do domínio imperial ou da convivência intercultural? Questões próximas, afinal do homem que corre pela moderna estrada que passa ali ao lado.

Animar é ainda reunir retratos e fotografias da vila ou aldeia doutras eras, ordenar graficamente alguns dados essenciais sobre a vida e a economia contemporânea, juntar os instrumentos de trabalho a uma arte e convidar testemunhas directas ou próximas desse processo que vem do passado - e confrontar tudo isso com o presente e a gente mais nova. Progrediu-se? Em que aspecto? Que acções levar a cabo para preservar e expandir, duma forma artesanal, um espaço arquitectónico?

Animar é também pôr crianças e adultos a pintar a vila e a vida local e expor o resultado dessa acção, em paralelo com o que outros pintores, antigos ou contemporâneos viram, da mesma vila e suas actividades. Animar é ainda promover a educação pela arte, promover o respeito pelas obras e espaços significativos, promover o restauro e organizar o aproveitamento útil dos edifícios valiosos, participar nas acções que visam defender da ruína ou manipulação indevida um conjunto histórico, um belo monumento, um fresco.

Em suma: animar é dar vida às coisas e pessoas, é dar a conhecer, aproveitar e divulgar a património do concelho, que o é também da região.

Assim, a Defesa do Património Cultural e Histórico de Melgaço aparece como um instrumento, de flagrante oportunidade, ao serviço da educação da juventude e da educação permanente da população do concelho, que tem por si, além de muitos outros argumentos, a necessidade sentida de tantos cidadãos. Daí a importância de congregar essas vontades, aproveitar criteriosamente as competências e começar, a pouco e pouco, a dar corpo a este verdadeiro movimento social e educativo.

Joaquim Pereira